

Sumário

2 Editorial

Vida Espiritual

- 3 Carta de 1º de janeiro de 2008
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 6 Carta de 2 de fevereiro de 2008
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 19 Quaresma 2008
Padre Grégory Gay, Superior geral
- 25 “A outra margem”
Padre Javier Alvarez, Diretor geral
- 34 Pista para a jornada mensal de reflexão e de oração:
“Ele não está mais aqui, ressuscitou” (Mc 16, 6)
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Atualidade das Províncias

Beatificações de Irmã Lindalva e de Irmã Giuseppina

- 39 Província de Recife: Homilia da beatificação de Irmã Lindalva à Salvador – Bahia, 2 de dezembro de 2007
Cardeal Geraldo Majello Agnelo, Arquidiocese de Salvador
- 42 Beatificação em Salvador – Bahia: “Uma experiência marcante... um momento sagrado... um lugar sagrado... Deus estava ali!”
As Irmãs do Conselho geral
- 46 Província da Sardenha: Beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli.
Quem foi Irmã Giuseppina Nicoli?
- 48 Província de Sardenha: Celebrações da beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli, Cagliari, 3 de fevereiro de 2008: “Quero ser toda do Senhor”.
Irmã Maria Ida Cislighi, Filha da Caridade (Província de Turim)

Testemunho das Irmãs

- 54 Província do Moçambique: Encontro dos Conselhos Provinciais do continente africano
Irmã Elsa Fátima Uassiquete, Correspondente dos Ecos
- 55 Província do Peru: Após o tremor de terra, o amor e a esperança renascem.
Irmã Marina Isabel Melendez, Visitadora

História da Companhia

Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemín

- 58 Mère Suzanne Guillemín, Filha de Deus, Filha da Igreja,
Superiora geral da Companhia
VII – Continuação do período pós-conciliar
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

Editorial 2008

As Assembléias,
um tempo para reconhecer a obra do Espírito
em nossa vida e na dos pobres

Durante a segunda homilia do Advento de 2007 em presença do Papa e da Cúria, o Padre Cantalamessa, capuchinho disse: *“Ser profeta, é revelar a presença escondida de Cristo no mundo”*.

“Profecia e esperança agora e em toda parte!” Este tema das Assembléias propõe a cada Irmã uma caminhada espiritual, um ato de fé, um Pentecostes para um “renascimento” da Companhia, deixando-se interpelar particularmente pela atitude de **reconhecimento** da obra de Deus em sua vida, na de suas Irmãs e dos pobres. Este procedimento é importante em toda vida de fé, ele está no centro de nossa vocação de Filha da Caridade.

O reconhecimento requer uma primeira atitude: **o acolhimento do Espírito**. Na Anunciação, Maria viveu este acolhimento depois da promessa do anjo: *“O Espírito Santo virá sobre ti”*. Como Maria, seus contemporâneos deveriam ter acolhido o Espírito para reconhecer Jesus como Cristo e Senhor. Filhas da Caridade, é preciso também acolhermos o Espírito para discernir a ação de Deus na vida de nossas Irmãs e dos pobres e reconhecer o Cristo em cada um deles.

No momento da Visitação, com o coração iluminado pelo Espírito, Maria saúda Isabel e reconhece nela a obra de Deus. Depois desta saudação cheia de fé, Isabel também cheia do Espírito Santo, reconhece em Maria a mãe do seu Senhor. Por isso, exultando de alegria, Maria canta o Magnificat com Isabel. Assim, o reconhecimento **permite às pessoas descobrirem as maravilhas que Deus realiza nelas** e dar-lhe graças.

As Assembléias, vividas neste clima de ação de graças, também favorecem o reconhecimento do que nós somos diante de Deus: **pecadores perdoados e chamados a nos converter** à Boa Nova de Cristo ressuscitado.

Este “reconhecimento” mútuo, vivido na fé, se torna **caminho de renascimento** e dá um sopro profético que revela *“a presença escondida de Cristo no mundo”*.

Carta de 1º de janeiro de 2008

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo estejam com todas nós! (cf. 2Cor 13, 13). É de São Paulo que eu tomo emprestado, modificando-os um pouco, os afetuosos votos de um Santo e Feliz Ano de 2008 que eu formulo diante do Senhor para cada Irmã. Com efeito, São Paulo será honrado este Ano; a Igreja celebrará de 28 de junho de 2008 a 29 de junho de 2009 o segundo milênio de seu nascimento, abrindo um ano Paulino que Bento XVI colocou sob a influência do ecumenismo.

Antes de detalhar meus votos de um Santo Ano, gostaria de expressar-lhes o meu agradecimento pelas numerosas mensagens que me enviaram neste tempo de Natal. Todas me tocaram profundamente e agradeço-lhes de todo coração. A certeza de suas orações pelas Irmãs que passam por situações dramáticas e seus testemunhos de solidariedade para com elas me emocionaram muito. Possa esta comunhão no seio da Companhia crescer ainda mais!

Várias cartas fizeram alusão às suas Assembléias domésticas, descrevendo um clima de oração, de escuta e de elã missionário. Alegro-me profundamente por isso e desejo que as Assembleias Provinciais de 2008, a partir destas experiências positivas vividas em nível local, abram novos sulcos, caminhos de conversão para cada uma de nós e veredas de esperança para os pobres.

Suas mensagens também me deram notícias de pessoas idosas, de mulheres, de homens, de jovens e crianças aos quais servem e acompanham em diversos momentos na estrada da vida, nas residências, prisões, campos de refugiados, colégios, escolas, hospitais... Sempre, vocês sublinham sua alegria de servir o Cristo nos pobres, *ato de amor – amor afetivo e efetivo – que lhes orienta a vida e que é a expressão por excelência do estado de caridade* (cf. C. 24a). Mas, às vezes, vocês acrescentam seus sentimentos de impotência, de pobreza diante da quantidade e a importância das angústias encontradas. Creio que o tema de nossas Assembléias, “Profecia e Esperança, agora e em toda parte”, pode nos ajudar a superar esta dificuldade se, sob a moção do Espírito Santo, nós entrarmos numa caminhada de aprofundamento espiritual e de criatividade audaciosa. De qualquer modo, isto está incluso nos votos que lhes ofereço e que coloco sob a influência da esperança!

Destaquei na recente Encíclica “Spe salvi” do Papa Bento XVI algumas fórmulas bem aprimoradas, para reavivar nossa esperança no começo do Ano Novo através de nossa vida de oração e de nosso serviço. Quando o Santo Padre descreve os lugares de aprendizagem da esperança, ele cita primeiro a oração, comum e pessoal: *“Deste modo, realizam-se em nós as purificações, mediante as quais nos tornamos capazes de Deus e idôneos ao serviço dos homens. Assim tornamo-nos ... ministros da esperança para os outros: a esperança em sentido cristão é sempre esperança também para os outros... É esperança ativa precisamente também no sentido de mantermos o mundo aberto a Deus”* n° 34.

A Constituição 24f nos pede que mantenhamos o mundo aberto a Deus sentindo-nos responsáveis de rezar com os pobres, por eles e em seu nome e a Constituição 33 lembra-nos que reunidas em nome do Senhor, numa verdadeira comunidade de oração, encontramos sua presença. Nossa comunidade haure sua força na fé partilhada, na Eucaristia e no louvor.

Encontra sua paz, sua esperança e alegria no mistério do Cristo morto e ressuscitado. Possamos nós “manter o mundo aberto a Deus” por nossa vida de oração!

O Papa cita também o agir e o sofrer como lugares de aprendizagem e de exercício da esperança. *“Aceitar o outro que sofre significa, de fato, assumir de alguma forma o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas, precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, este sofrimento é penetrado pela luz do amor. A palavra latina con-solatio, consolação, exprime isto mesmo de forma muito bela sugerindo um estar-com na solidão, que então deixa der ser solidão”* nº 38.

No coração de nossa vocação de Filha da Caridade encontra-se o Cristo reconhecido, amado e servido no pobre. Tantas Filhas da Caridade viveram este mistério desde 1633; e muito próximo de nós, Irmã Lindalva o viveu até o extremo, visto que ela derramou seu sangue por Jesus e pelo pobre no ordinário de seu serviço junto dos idosos do Abrigo Dom Pedro em Salvador. Para nós, Filhas da Caridade, será que este agir e este sofrer não estão ligados a “nossa proximidade de vida e de coração com os pobres” que, felizmente, vai além dos limites de ajuda que nós podemos levar.

Entre as graças que o Senhor nos reserva em 2008, podemos evocar a beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli no próximo dia 3 de fevereiro, em Cagliari. Padre Gregory, Padre Javier, dois representantes de cada Província da Europa e muitas Irmãs das cinco Províncias da Itália participarão desta, com o Conselho geral bem como vários convidados, Mère Duzan e Mère Elizondo, Padre McCullen, Padre Maloney e Padre Quintano. Vamos descobrir o rosto desta Filha da Caridade, toda doada aos pobres, às suas Irmãs e ao seu Senhor. Recordo-lhes também uma outra alegria futura, a da beatificação de Irmã Marta Wiecka no próximo dia 24 de maio em Lvov, Ucrânia.

Além disso, confio às suas orações nossa decisão de preparar uma implantação em Burquina Faso. Esta nova missão responderá ao apelo da Diocese de Nouna e será, assim o desejamos, sinal de esperança para os pobres e para a Companhia.

Renovo meus votos de Feliz e Santo Ano de 2008 a cada Irmã, a cada Comunidade local, a cada Província! Feliz e Santo Ano igualmente à Companhia, ela é obra de Deus que São Vicente, Santa Luísa e nossas primeiras Irmãs souberam construir pouco a pouco e que depende da fidelidade criativa de cada uma de nós!

Que a Virgem Maria, *“a estrela da esperança, ela que, pelo seu “sim”, abriu ao próprio Deus a porta do nosso mundo”*, (nº 49) nos acompanhe cada dia deste Novo Ano!

Com minha afeição fraterna e a certeza de minha oração,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

MÈRE EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

Carta de 2 de fevereiro de 2008

Minhas queridas Irmãs,

Feliz e santa festa da Apresentação de Jesus no Templo! A Virgem Maria, neste 2 de fevereiro, oferece a Deus seu Filho e compreende, pela voz de Simeão, que ela partilhará a missão e os sofrimentos de Jesus porque, como ele, ela fará de toda sua vida uma realização perfeita da vontade do Pai. A festa da Apresentação de Jesus no Templo nos conduz, com efeito, do Natal à Páscoa e nos recorda que o Templo de Jerusalém não está distante do jardim das Oliveiras e do Gólgota.

É hoje que a Igreja nos propõe celebrar o mistério da consagração: a de Cristo, a da Virgem Maria e a consagração de todos aqueles que se dispõem a seguir Jesus por amor do Reino. É a festa da vida consagrada em geral e, portanto, também a das Filhas da Caridade que *“doam-se inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs, com um espírito evangélico de humildade, simplicidade e caridade”*¹.

Segundo a tradição da Companhia, fui recebida hoje pelo Padre Gregory, nosso Superior geral. Eu lhe transmiti, com alegria e humildade, os pedidos de Renovação de todas as Irmãs enviados por intermédio de suas Visitadoras, assim como também o meu. Expliquei-lhe o quanto esta atitude de cada Filha da Caridade foi uma atitude de fé, realizada durante uma partilha espiritual e apostólica, preparada na oração e numa atitude de pobreza interior propícia ao acolhimento do Espírito². Apresentei ao Padre Gregory nosso desejo de fidelidade ao chamado do Senhor, nossas alegrias vividas no serviço de Cristo nos pobres, na vida comunitária, bem como nossas dificuldades e nossas falhas. Falei-lhe também do elã de esperança nascido de todas as Assembléias domésticas já realizadas.

Nosso Superior geral concede-nos a graça da Renovação de nossos votos para o próximo dia 31 de março, festa da Anunciação. Agradei-lhe em nome de todas e pedi-lhe orações para que as oito semanas que nos separam da Renovação sejam um tempo de renovação espiritual para cada uma de nós.

Permitam-me oferecer-lhes, como nos anos precedentes algumas reflexões sobre as Linhas de Ação, nosso documento Inter-Assembléias de 2003. Chegamos à quinta linha, a que trata da Pastoral Vocacional.

Este texto nos convida a dar um impulso à pastoral vocacional, de um modo dinâmico e criativo, em união com a Igreja. Ele começa assim:

“Para ir mais além no Anúncio do Evangelho e dar a conhecer aos jovens o carisma da Companhia...”

Esta simples frase nos introduz claramente na finalidade da Pastoral Vocacional. Com efeito, esta pastoral está essencialmente voltada ao anúncio do Evangelho. A Pastoral Vocacional é inseparável da missão própria da Igreja: *“Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura”*³.

Todos os membros da Igreja, de acordo com sua vocação e seu carisma próprio, são chamados a participar de maneira ativa e responsável de sua missão evangelizadora e, para isto, a trabalhar na Pastoral Vocacional: *“O dever de fomentar as vocações pertence a toda a comunidade cristã”*⁴.

A Pastoral Vocacional nasce do mistério da Igreja:

“A Igreja que, por inata constituição é “vocação”, é geradora e educadora de vocações. É-o no seu ser de “sacramento”, enquanto “sinal” e “instrumento” no qual ressoa e se realiza a vocação de cada cristão; é-o no seu operar, ou seja, no desempenho do seu ministério de anúncio da Palavra, de celebração dos Sacramentos e de serviço e testemunho da Caridade”⁵.

Nossas Constituições confirmam a dimensão eclesial de nossa vocação:

“As Filhas da Caridade formam uma Companhia reconhecida pela Igreja... A Companhia participa da missão universal de salvação da Igreja, conforme o carisma dos Fundadores”⁶.

Esta reflexão sobre a Pastoral Vocacional, realizada no contexto da preparação à Renovação de nossos votos, vai ser desenvolvida em três pontos. Eu partirei do fato de que nossa vocação é dom de Deus, apelo a continuar a missão de Cristo, em seguida, eu abordarei a vivência de nossa vocação, para terminar com pistas para uma pastoral criativa e dinâmica em união com a Igreja local.

Portanto, aqui estão os marcos do itinerário que nós vamos seguir:

- acolher o dom da vocação
- viver com alegria e em plenitude a vocação-missão
- participar com entusiasmo da Pastoral Vocacional

1. ACOLHER O DOM DA VOCAÇÃO

“Em resposta ao apelo de Deus...”⁷.

A vocação é sempre um dom precioso da bondade do Senhor, uma graça imensa a qual nunca agradeceremos bastante a Deus. Trata-se de um apelo pessoal e gratuito do Senhor: *“Não fostes vós que me escolhestes; mas fui eu quem vos escolhi”⁸.*

São Vicente lembrava às Filhas da Caridade que sua vocação era uma graça inestimável de Deus, que era necessário vivê-la com grande alegria e agradecer a Deus incansavelmente:

“Deus desde toda a eternidade vos tinha escolhido e predestinado para isso... Ó Que felicidade, minhas Filhas, e como a consideração desta disposição eterna de Deus sobre vós, vos deve obrigar a serdes, reconhecidas pela escolha que se dignou fazer de vós! Oh! Pensai muito nisto, minhas Filhas”⁹.

“Pensemos muito nisto”, sim, pensemos no dom da vocação e lembremo-nos com alegria todas as graças que recebemos em nossa caminhada vocacional. Pensemos nisto para agradecer ao Senhor, bendizê-lo e alegrar-nos por termos sido escolhidas... “Meu espírito se alegra em Deus meu Salvador porque olhou a humildade de sua serva”¹⁰ “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro”¹¹.

“Pensemos muito nisto” para reconhecer tudo o que o Senhor realiza em nossa vida e, através de nós, pelos pobres, por tantas pessoas que nós encontramos. “O Todo-Poderoso fez grandes coisas em meu favor. O seu nome é santo, e sua misericórdia se estende, de geração em geração, a todos os que o temem. Ele mostrou a força de seu braço: dispersou os soberbos de coração. Derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes”¹².

“Pensemos bem nisto” para reviver e evocar o momento em que nós ouvimos a voz de Jesus convidando-nos a deixar nossas redes para subir na barca com Ele e segui-Lo até o fim de nossa vida. Estamos nós habitadas pela alegria de pertencer ao Senhor, de servi-Lo nos pobres, nos abandonados deste mundo? Saboreamos o convite do Salmo 99: “Servi ao Senhor com alegria?”

Vivemos, hoje, a vocação com o elã do primeiro amor, do fervor primitivo? Vivemo-la como uma graça, como um encontro com o Senhor, vivo e presente que faz pulsar nosso coração? Cada vez que a liturgia nos propõe o Salmo 62, ressoa em nós a força do primeiro apelo? *“Sois vós, ó Senhor, o meu Deus, desde a aurora ansioso vos busco! A minh’alma tem sede de vós, minha carne também vos deseja, como terra sedenta e sem água... Vosso amor vale mais do que a vida: e por isso meus lábios vos louvam”*.

Pensemos muito em nossa história e, talvez, neste tempo de preparação para a Renovação, descrevamo-la: um apelo que prossegue, amadurece, esclarece-se, um apelo que continua existindo e que hoje faz nosso coração abrasar como no tempo em que começou a germinar a semente de nossa vocação.

“Para segui-lo e continuar sua missão...”¹³

Vocação e missão são inseparáveis. Fomos chamadas para continuar a missão de Cristo, para *“fazer o que o Filho de Deus fez na terra”*¹⁴.

É preciso que nos voltemos sempre ao Evangelho, que nos associemos ao grupo daqueles que seguem Jesus para contemplar e aprender como ele agia, que resposta dava aos necessitados e aos abandonados. Gostaria de reler lentamente com vocês alguns textos bem conhecidos e muito evocadores, tirados do Evangelho de São Mateus:

“E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas suas sinagogas, e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor. Então, disse aos seus discípulos: A messe é realmente grande, mas poucos os operários. Rogai, pois, ao Senhor da messe, que envie operários para a sua messe”¹⁵. “E, chamando os seus doze discípulos, deu-lhes poder... e os enviou em missão!”¹⁶.

Podemos observar, com admiração e surpresa, que nenhum problema humano escapa ao olhar de Jesus. Caminhando, Ele ensina, anuncia a Boa Nova ao povo que esperava pela salvação. Ele conforta os aflitos, cura os doentes. Ele sente compaixão por aqueles que vivem desorientados, sem objetivo na vida. Ele se emociona, age. Ele chama e convoca os apóstolos para continuarem sua missão, porque a messe é abundante.

Nossos Fundadores, a exemplo de Jesus, descobriram a miséria de seu tempo e souberam reagir... A resposta que São Vicente e Santa Luísa deram, é a Companhia, que há trezentos e setenta e cinco anos, esforça-se para ser fiel à vocação e à missão recebidas. E nós sabemos que a resposta da Companhia no futuro adquire suas raízes em nossa fidelidade de hoje.

Tantos pobres desfilam diante de nossos olhos, vivem ao nosso lado, cercados, apanhados por todo tipo de misérias: fome e desnutrição, guerra e violência, desastres ecológicos, problemas sociais variados, exploração, solidão, confusão... A presença deles em nosso mundo, agora e em toda a parte, de Nova Iorque a Nairobi, de Roma a Osaka, de Manila a Caracas, mostra-nos o quanto a humanidade solidária e fraterna do plano de Deus é ainda uma obra em realização, a construir.

São multidões anônimas, sem história interessante, sem prospecto informativo convidando à compaixão. Pessoas sobrecarregadas de vários dramas, sem esperança, com medo do futuro; jovens desiludidos de tudo, sem anseio, nem possibilidade de lutar, idosos atormentados pela solidão; doentes prisioneiros da própria dor! Uma multidão de pessoas que têm fome de Deus!

Estas multidões famintas, desorientadas, abatidas cujo clamor nos atinge, nos fere e nos desperta, precisam de novas Servas que curem e consolem seus corações feridos, que lhes revelem o rosto misericordioso de Deus, o Pai; elas precisam de novas Servas que tenham a preocupação de lhes anunciar o Evangelho e tornar presente o Reino¹⁷.

Quais são nossos olhares e nossos gestos, quais são nossas decisões e nossas respostas diante da angústia e da tristeza das pessoas de nosso tempo? Temos nós respostas proféticas, portadoras de esperança, em coerência com nosso voto de serviço dos pobres?

Nossa vida tem sido ela sempre irrigada pela nova seiva do Evangelho, que recria em nós, de um modo permanente, atitudes de disponibilidade humilde, de alegria gratuita, que nos impulsiona a ajustar nossa vida à radicalidade das Bem-aventuranças, de acordo com os nossos votos de castidade, pobreza e obediência?

Este tempo de preparação à nossa Renovação deve, com efeito, marcar cada ano uma nova etapa no aprofundamento de nosso dom total a Deus, em seguimento de Cristo para continuar sua missão¹⁸.

São Vicente insistia, junto às primeiras Irmãs, sobre a importância do aprofundamento espiritual exigido pelos votos, e as encorajava a fazê-los e a renová-los¹⁹.

Os votos não são outra coisa *“senão uma doação que lhe fizestes de vós mesmas; e Ele de igual modo se deu a vós, porque sempre se dá às almas que se dão por um contrato irrevogável, que nunca se dissolverá”*²⁰.

Este contrato irrevogável, dom de Amor, exige uma resposta de amor para o serviço, *“ato de amor – amor afetivo e efetivo – que lhes orienta a vida”*²¹. Para estarmos disponíveis à finalidade da Companhia nós escolhemos viver os Conselhos evangélicos de:

- Castidade, *“dom que liberta o coração dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres”*²².

- Pobreza, *“pobreza do coração, abertura ao Espírito, dispõe a alma ao amor universal...”*²³.

- Obediência que compromete-nos “a uma busca e a uma aceitação humilde e leal da vontade de Deus”²⁴.

2. VIVER COM ALEGRIA E EM PLENITUDE A VOCAÇÃO-MISSÃO

“Viver na alegria e em plenitude sua resposta pessoal...”²⁵.

Nossas Constituições destacam a função do testemunho de compromisso generoso e de alegria, na Pastoral Vocacional:

“Vivendo na alegria e em plenitude sua resposta pessoal ao Senhor, cada uma fortifica a fidelidade de suas Irmãs e contribui para o despertar de outras vocações”²⁶.

A alegria jorra de uma vida centrada e unificada em Cristo e na missão. Ela resplandece, irradia, contribui para fazer sobressair o aspecto mais belo da realidade, a dimensão mais positiva dos acontecimentos, o encanto da vida. Ao mesmo tempo, ela torna capaz de despertar o melhor nos outros, de transmitir o entusiasmo de viver e o desejo de se doar gratuitamente e generosamente.

Nossa sociedade atual é sensível aos sinais que a tocam profundamente. Um deles é a radicalidade evangélica de uma vida totalmente doada aos pobres. Quando uma pessoa lhes permanece disponível, abraça sua causa, ela fala por sua própria vida, transmite uma mensagem, interpela. *“Não existe nada mais estimulante do que um testemunho tão apaixonado da própria vocação, capaz de tornar-se contagioso. Nada é mais lógico e coerente do que uma vocação que gera outras vocações... Então, felizes de vós se souberdes dizer, com a vossa vida, que é belo e gratificante servir a Deus, e revelar que nele, o Vivente, se esconde a identidade de cada criatura”²⁷.*

“O testemunho evangélico da Comunidade local...”²⁸

Seria bom analisar com toda sinceridade se o clima fraterno que se respira no interior de nossa comunidade é capaz de transmitir o desejo de doar-se a Deus para servi-Lo nos pobres, no seio da Companhia. Convido-as igualmente a verificarem se o estilo de vida que nós levamos atrai e interpela ou se, às vezes, nós nos apegamos a um conjunto de hábitos ultrapassados que não dizem nada às gerações atuais, ou pior, se não estamos instaladas numa confortável e sombria mediocridade, uma vida que não desperta em ninguém o desejo de partilhá-la.

“Às pessoas consagradas é pedido que ofereçam o seu testemunho, com a ousadia do profeta que não tem medo de arriscar a própria vida”²⁹.

Falamos nós a linguagem profética e cheia de esperança que emana de uma vida centrada no essencial da vocação ou temos nós necessidade de intérpretes para explicá-la aos outros?

Temos meios abundantes para crescer e nos fortalecer em nossa vocação. A formação contínua, tal como nos apresentam nossas Constituições, é um caminho de crescimento progressivo³⁰. Está aberta ao Espírito, reflete a atitude do coração que deseja responder na fidelidade aos ecos do primeiro apelo que surgem a todo momento do quotidiano. *“A formação permite viver a vocação como uma configuração progressiva a Cristo, numa fidelidade renovada ao Espírito e ao fim da Companhia”³¹.* Do mesmo modo, todas nós somos responsáveis pelo crescimento de nossas Irmãs: *“Com simplicidade e humildade as Irmãs se entreejudam a caminhar juntas para o Senhor”³².*

“Fiel a este espírito, a Companhia mantém-se disponível e móvel...”³³.

O esforço de fidelidade de tantas gerações de nossas Irmãs para viver em plenitude o carisma ontem, tornou possível que a Companhia chegasse ao nosso hoje. A resposta que damos atualmente, como já disse, prepara o futuro.

Em 10 de janeiro de 1660, algumas semanas antes de morrer, Santa Luísa escrevia assim à Irmã Margarida Chétif que estava em Arras:

“Os problemas da Companhia aumentam continuamente, neste verão, foram estabelecidas mais três ou quatro obras, como já vos contei. Deus seja bendito por tudo, e dê força e generosidade à Companhia a fim de manter-se no espírito primitivo em que Jesus a colocou, pelo seu espírito e suas santas máximas. Demo-nos, frequentemente, a Deus para obter de Sua bondade essa generosidade de que necessitamos, para a glória de seus desígnios sobre a Companhia”. E um pouco mais adiante, depois de ter tratado de outras questões, Santa Luísa pergunta-lhe abertamente: “Então, não encontrais jovens que tenham vontade de doar-se na Companhia, ao serviço de Nosso Senhor, na pessoa dos Pobres?”³⁴.

Estas “questões da Companhia”, o serviço dos pobres no tempo dos Fundadores e ao longo de nossa história, foram tratadas num desejo de fidelidade aos desígnios de Deus sobre a Companhia. Todas as nossas Santas e Bem-aventuradas, conhecidas e desconhecidas, disto dão testemunho. Bem recente, o exemplo de Irmã Lindalva ilustra bem esta idéia. Ela não quis excluir um pobre que poderia ser perigoso e pagou com sua vida esta coerência com seu compromisso de Filha da Caridade toda doada ao serviço dos pobres.

Assim pois, somos hoje responsáveis pela sobrevivência da Companhia, da mesma maneira que o foram outrora as gerações que nos precederam. Nossos Fundadores motivaram bem as Irmãs a este respeito:

“É uma obra que Deus colocou nas vossas mãos. Pedir-vos-á contas dela... É um tesouro entregue à vossa guarda e cuja perda deveis evitar... Oh! Que infelicidade se a Companhia enfraquecesse por nossa culpa!”³⁵.

Nossa responsabilidade é grande como tão bem a expressaram nossas primeiras Irmãs nesta bela conferência de 25 de maio de 1654. Porém, não tomemos a palavra “enfraquecer” muito literalmente! É certo que nosso número global vai continuar diminuindo no decorrer dos anos, mas é preciso considerar a vitalidade e o futuro da Companhia em outros termos. Nossos Fundadores tiveram duas idéias bem claras em relação à vitalidade e ao futuro da Companhia: viver do espírito e guardar as Regras. Todo o trabalho de revisão de vida empreendido em suas Assembléias domésticas e logo mais em suas Assembléias provinciais têm por fim esta fidelidade em viver do espírito no contexto de nossas Constituições.

“Se alguma coisa há no mundo que deveis pedir a Deus, é o vosso espírito. Se viverdes neste espírito, minhas queridas Irmãs, como a Caridade será feliz, como a honraremos e como se multiplicará!”³⁶.

3. PARTICIPAR COM ENTUSIASMO DA PASTORAL VOCACIONAL

A Pastoral Vocacional tem um duplo objetivo: o de responder aos desígnios de Deus numa fidelidade que cresce e se renova constantemente e o de mostrar o caminho às outras, ser voz profética e cheia de esperança, agora e em toda parte.

“As Filhas da Caridade rezam para que Deus envie operários à sua messe...”³⁷.

A oração pelas vocações, como Jesus pede no Evangelho, está bem enraizada na Companhia. São Vicente expressa sua convicção sobre a necessidade de rezar pelas vocações: *“Nosso Senhor nos recomendou expressamente que pedíssemos a Deus para enviar bons operários para a sua vinha; pois, com efeito, não seria bom, se Ele não os enviasse”*³⁸.

Santa Luísa escrevia às Irmãs: *“Rezai por toda a Companhia e pedi a nosso Deus operários para sua obra, se Ele quiser que ela continue, pois os pedidos chegam de tantos lugares, que nos é impossível atender a todos”*³⁹.

A recitação frequente da bela oração “Esperança de Israel” tecida de imagens bíblicas é uma súplica fervorosa, confiante pelas novas vocações e por aquelas que já responderam o chamado. A página Web da Companhia com suas notícias, seu espaço oração nos oferece também recursos neste sentido.

Nossas Irmãs idosas e doentes participam intensamente da Pastoral Vocacional, com a oferta dos seus sofrimentos e com a força orante de suas vidas chegadas à etapa do puro amor. Elas continuam o seu engajamento, não no mosteiro da casa das doentes, mas naquele do amor confiante em meio aos seus sofrimentos; não no claustro das ruas da cidade, mas naquele de sua fraqueza e fragilidade suportadas com fé e paciência. Elas também dão frequentemente prova de uma inventividade incrível para participar das tarefas comunitárias e dos serviços de suas Irmãs em plena atividade.

Acolhamos os jovens, ou os menos jovens... Ajudemo-os no discernimento vocacional baseado sobre motivações evangélicas⁴⁰.

Deixem-me citar antes o apelo do Papa Bento XVI aos jovens reunidos na Colônia para o JMJ (agosto de 2005): *“Sei que vós, como jovens, aspirais pelas coisas grandes, que quereis comprometer-vos por um mundo melhor. Demonstrai-o aos homens, demonstrai-o ao mundo, que aguarda precisamente este testemunho dos discípulos de Jesus Cristo e que, sobretudo mediante o vosso amor, poderá descobrir a estrela que nós seguimos”*.

É difícil tratar aqui da Pastoral Vocacional de forma bem concreta, pois, ela se vive em relação com cada Igreja local, frequentemente com a Família Vicentina, portanto, depende da situação de cada Província e de seu Plano de Formação. Além disso, as realidades na Companhia são muito variadas; um encontro de Pastoral Vocacional pode reunir uma centena de jovens ou apenas três ou quatro, de acordo com as Províncias. Eu gostaria, no entanto, de destacar alguns pontos mais gerais. A Pastoral Vocacional deve ser “generosa”, trata-se de semear largamente, às vezes de reaprender a chamar, superando o complexo de inferioridade que pode nos paralisar se nós vivemos numa sociedade anti-vocação. Se estamos abrasadas do fogo da caridade, como São Vicente e Santa Luísa, saberemos comunicá-la. A Companhia é bela e podemos apresentá-la com orgulho!

Além das sessões de grupo, o acompanhamento personalizado é fundamental para aquelas que se apresentam, porque cada uma precisa ser respeitada, compreendida em seu trajeto individual. É bom ter alguns lugares onde, como para os dois primeiros discípulos de Jesus, “encontrar-se e permanecer junto dele durante o dia”. Penso, aqui, no acolhimento das Comunidades locais para a oração litúrgica habitual, para alguns tempos de oração mais bem preparados, algumas partilhas da Palavra de Deus. O Espírito tem uma missão para aquelas que se apresentam a nós, esta missão se esclarece pela frequentação da Palavra, pela participação na oração comunitária e pelos tempos de silêncio com Deus. É necessário que aquela que procura encontre a pérola preciosa e faça dela sua prioridade. É preciso que ela encontre Deus e seja habitada por outra presença diferente da sua.

Junto com este discernimento pela interioridade, é necessário facilitar àquelas que vêm a nós o conhecimento do carisma vicentino. Elas vivem num mundo marcado pelas desigualdades insuportáveis, manipulado pelos meios de comunicação sem escrúpulo, influenciado por uma publicidade permanente e provocante. Elas pressentem que *“O dilúvio não pode apagar este amor, nem os rios afogá-lo”*⁴¹. Elas anseiam por mais verdade, pureza, transparência e justiça, por uma solidariedade efetiva. Elas precisam ver as Filhas da Caridade servas, em proximidade de vida e de coração com os pobres, atentas à sua promoção integral. Precisam ver nossas comunidades iluminadas pela alegria do serviço e da escuta mútua!

Ao final desta partilha centrada sobre a Pastoral Vocacional, eu me dirijo à Virgem Maria que celebramos hoje com seu Filho. Que ela nos acompanhe em nossa preparação à Renovação de nossos votos! Ela que viveu na docilidade ao Espírito, mantenha-nos abertas à obra deste Espírito que age em nossos corações, nossas Comunidades, nossas Províncias para uma renovação de nossa vocação e que também está agindo no coração daquelas que são chamadas a seguir Jesus na vocação de Filha da Caridade.

Amanhã, estaremos bem unidas por ocasião da beatificação de Irmã Nicoli. Ela vai nos ajudar na Pastoral Vocacional, ela que foi modelo de fidelidade no serviço recebido e modelo de criatividade em responder às necessidades que surgiram, sabendo abrasar o coração de tantos jovens. Em nome de todas, agradei ao Padre Gregory por sua atenção e proximidade em relação à Companhia. Do mesmo modo, expressei ao Padre Javier o nosso reconhecimento por seu acompanhamento fiel. Envio também, em nome de todas, ao Padre McCullen, ao Padre Maloney, ao Padre Quintano, à Mère Duzan e à Mère Elizondo uma respeitosa e grata lembrança, acompanhada de nossas orações em suas intenções.

Com minha afetuosa dedicação e a certeza de minha oração nas intenções de cada Irmã,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

Notas

¹ C. 7a.

² Cf. C. 36b.

³ Mc 16, 15.

⁴ Optatam Totius, nº 2.

⁵ Pastores Dabo Vobis, nº 35.

⁶ C. 1a.

⁷ C. 7a

⁸ Jo. 15,16.

⁹ Conf. 13-02-1646, pg. 163

¹⁰ Lc. 1, 47-48.

¹¹ 2 Co 4,7.

¹² Lc 1, 49-52.

¹³ C. 8 b.

¹⁴ Conf. 05-07-1640.

¹⁵ Mt. 9. 35-38

¹⁶ Mt. 10, 1 ss.

¹⁷ Cf. C. 10.

¹⁸ Cf. C. 8 b.

¹⁹ Cf. Instrução sobre os Votos, página 38.

²⁰ Conf. 06-06-1656 – pg. 573

²¹ C. 24 a.

²² C. 29 a.

²³ C. 30 a.

²⁴ C. 31 b.

²⁵ C. 59.

- ²⁶ C. 59.
²⁷ Novas vocações para uma nova Europa, nº 6.
²⁸ C. 59
²⁹ Vita Consecrata, nº 85 a.
³⁰ Cf. C. 50 et C. 58 b.
³¹ C. 49.
³² C. 32 b.
³³ C. 12 b.
³⁴ Santa Luísa, E. Esp. L. 651, pág. 759.
³⁵ Conf. 25-05-1654 – pg. 449.
³⁶ Conf. 24-02-1653 – pg. 398.
³⁷ C. 59.
³⁸ Coste VII, pág. 613. Carta a Guillaume Desdames, 20-06-1659.
³⁹ Santa Luísa, L. 391, à Cécile Angiboust. E. Esp. pág. 502.
⁴⁰ Cf. Linhas de Ação 5, 2...3.
⁴¹ Cântico dos Cânticos 8,7

PADRE GRÉGORIO GAY, SUPERIOR GERAL

Quaresma 2008

À todas as Filhas da Caridade

Queridas Irmãs,

Que a graça e a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo permaneçam em seus corações agora e sempre!

Esta quaresma de 2008 chegou tão depressa que me pegou de surpresa. A tal ponto que eu temo que muitas dentre vocês que vivem em comunidades distantes não recebam esta mensagem no início da Quaresma.

O que eu gostaria de partilhar com vocês este ano provém do diálogo que mantive via Internet com um co-irmão que tinha grandes preocupações a respeito da qualidade da oração comunitária em sua comunidade local. Nos comentários que nós partilhamos, cada um refletiu o que nós considerávamos importante para nossa vida de oração comunitária. Num dado momento, como eu apreciava a qualidade de suas reflexões, pedi-lhe que organizasse seus pensamentos, assim eu poderia integrá-los em minha carta da Quaresma para 2008. Ele aceitou e, aqui, apresento o fruto de nossas reflexões sobre a oração comunitária.

Enquanto nos preparamos para celebrar a graça da Quaresma, a Palavra de Deus nos chama a nos unir mais profundamente aos sofrimentos abnegados de Jesus vividos na obediência e à sua morte por uma mudança de mentalidade, de espírito e de coração. Há duas semanas, todos nós refletíamos sobre o sentido da conversão ao celebrar a festa da Conversão de São Paulo. Este ano, na festa de nossa fundação, eu estava em Camarões. E o que há de formidável com a Palavra de Deus, é que não importa quantas vezes tenhamos ouvido um mesmo texto, a Palavra é tão dinâmica que algo de novo pode tocar o nosso coração e ajudar em nossa própria reflexão.

Este ano, o que me impressionou é que a conversão a exemplo de Paulo está intimamente ligada à missão. No primeiro sábado após a Quarta-feira de Cinzas, ouviremos o chamado à conversão do cobrador de impostos, Levi, conhecido por ser um pecador notório e considerado como tal pelos Fariseus. Mas é bem ele, tal como é, que o Senhor veio chamar. Levi se torna um

discípulo de Jesus respondendo a seu convite “Segue-me”. Espero que, durante este tempo de Quaresma, em que todos somos chamados a uma conversão tanto pessoal quanto comunitária, possamos integrar intimamente este apelo ao nosso desejo de ser mais fiéis no seguimento de Cristo na missão que Ele nos confiou: evangelizar e servir os pobres.

Como sempre, Deus nos convida à santidade em comunidade. Quando partilhamos a mensagem da Quaresma com aquelas e aqueles aos quais servimos, devemos nos certificar da importância da Quaresma para nós mesmos. Durante esta Quaresma, quero recomendar-lhes fortemente, minhas Irmãs, a participarem de um esforço comum para embelezar nossa oração comunitária. Há alguns anos, o Padre Maloney nos exortou a tornar a nossa oração mais bela para Deus e mais atraente para os jovens. Com este convite, ele desejava aperfeiçoar toda nossa oração quotidiana, e não vivê-la somente em algumas ocasiões. Renovo a todas este apelo, um apelo para embelezar a oração quotidiana de sua comunidade.

E, acrescento um outro desejo: rezemos juntos para que nossa vida comunitária seja melhor. São Vicente pede que vivam juntas como Irmãs que se amam. Outrora, a fidelidade era medida sempre pela observância de uma regra adotada universalmente com uma ordem do dia que era quase a mesma em todos os lugares do mundo. Hoje, a fidelidade pode ser medida pela maneira como uma Irmã observa o compromisso que ela faz com as outras Irmãs de sua Comunidade. Este compromisso, evidentemente, engloba não só a missão apostólica comum, mas também a promessa de se apoiarem umas as outras na vida comunitária e na oração¹. Peço-lhes que aprofundem seu compromisso e sua colaboração com as Irmãs de sua comunidade para rezarem juntas num verdadeiro espírito de comunidade como São Vicente o desejou. Ele dizia aos membros da Congregação da Missão:

“Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo”; ele poderá dizer com o Santo Apóstolo: “Tudo posso naquele que me sustenta e me fortalece”. A Congregação da missão subsistirá enquanto o exercício da oração for praticado fielmente, pois, a oração é como um muro inabalável que protegerá os missionários contra todos os tipos de ataques” (SV, Coste XI, pág., 83),

Todos concordamos em dizer que o fato de recitar orações não garante necessariamente que estamos rezando. Precisamos rezar juntos de maneira que nos permita descobrir e partilhar o que está no mais profundo de nós mesmos, nossa fé e nossas dúvidas, nossos medos e nossa confiança, nossos sucessos e nossos fracassos, nosso compromisso em sermos verdadeiros vicentinos. A oração deve nos ajudar a nos conhecer e a nos apreciar uns aos outros como pessoas que vivem em comunidade, a nos apoiarmos uns aos outros com mansidão e fidelidade, a cultivar a tolerância e a abertura diante dos diferentes dons dados pelo Espírito a cada Irmã. Pode acontecer muito bem que a recitação do Ofício, por mais importante que seja, nem sempre estimule sua oração comunitária. Às vezes, a recitação do Ofício pode ser mecânica, sem dinamismo, às vezes, ela é muito rápida ou não é realmente rezada em harmonia, portanto, devemos remediar esta situação de todo coração. A maneira tradicional de rezar o Ofício nem sempre oferece o tempo necessário para uma partilha interpessoal e fraterna.

Encorajo-as a partilharem em comunidade como Irmãs que se amam verdadeiramente e a encontrarem meios para rezarem juntas de maneira significativa e fraterna, como lhes pedem as Constituições (E. 3c). Muitos de nós utilizamos formas de orações provenientes de encontros comunitários, de livros, da vida paroquial e de outras situações. Elas podem ser orações simples, com momentos de silêncio, e um tempo para partilhar entre si o que vem do mais profundo do coração. A oração pode ser até mesmo espontânea, sobretudo, quando estiverem entre Irmãs. A Lectio Divina é outra forma de oração comunitária que é freqüentemente usada na Companhia das Filhas da Caridade.

Uma vez por semana ou mais frequentemente, tomemos os textos da Escritura do dia, ou as leituras do Domingo, e partilhemos o que esta escolha de textos significa para cada uma pessoalmente. Algumas Irmãs podem achar útil apoiar seu canto através de uma música registrada, ou acompanhar seu tempo de oração tranquilamente com um fundo musical. As Irmãs de cada comunidade deveriam discutir abertamente e honestamente sobre o momento e o lugar onde fazem sua oração para encontrarem as condições mais favoráveis para uma boa oração.

Deixemos cada Irmã que participa da oração quotidiana da comunidade, utilizar toda a criatividade e experiência que ela possui, e sejamos bastante humildes para aceitar as escolhas feitas e entrar em oração de todo nosso coração. As Irmãs que trabalham com jovens ou que são jovens podem, elas mesmas, dar idéias úteis para tornar a oração atraente para os jovens. Devemos encontrar um equilíbrio na maneira de fazer entre os costumes que criam um espaço de oração familiar e confortável e uma variedade de possibilidades que contribuem para nos fazer crescer.

Além da oração da manhã e da tarde, existem outras ocasiões para tornar nossa “vida de família” mais orante. Por exemplo, uma comunidade pode acrescentar em seu horário semanal ou no momento de uma ocasião particular, orações a Nossa Senhora da Medalha milagrosa, o rosário, celebrações penitenciais ou outras, por exemplo, nos dias de festa, abençoar a mesa; isto lhes permite aprofundar a partilha de oração e alimentar o desejo de viver este clima de oração em comunidade.

Certas formas de orações podem se tornar menos orantes quando são muito rotineiras. Por exemplo, se a bênção antes das refeições for sempre a mesma, pode acontecer que deixemos de rezar para recitar apenas palavras.

Existe uma outra dimensão de nossa oração: a Eucaristia que concerne mais diretamente os Padres da Missão, mas todos os fiéis devem reservar tempo para examinar sua participação nas celebrações litúrgicas da Eucaristia. São Vicente teve, em seu tempo, uma influência determinante na renovação da liturgia. (Ver Coste I, XIII para ter uma idéia da situação na qual se encontrava a liturgia no tempo de São Vicente e de seu compromisso para renovar a liturgia entre o clero.) Os retiros para os ordinandos, as conferências das Terças-feiras, o trabalho realizado com os Padres já ordenados bem como com os Seminários, tinham todos por objetivo o aprofundamento do conhecimento e a renovação da prática litúrgica de cada celebrante. Como Vicente, vivemos numa época em que a Igreja reconhece as mudanças decorrentes das novas diretrizes do Concílio Ecumênico. Alguns aderem a estas mudanças, e outros resistem. Nós devemos seguir o exemplo de nosso Fundador em seu compromisso de difundir o ensinamento da Igreja e a sermos homens e mulheres que, pela prática, sejamos exemplo, tanto pela maneira de ser quanto pelo serviço.

Sei que peço muito, mas há algo mais importante para cada um de nós do que a Eucaristia, “a fonte e o ápice” de nossa vida cristã? As Constituições indicam claramente que a Eucaristia é o centro da vida e da missão das Irmãs. (C. 19b) E, eu gostaria que vocês reservassem tempo para examinar e ver como vivem a celebração da Eucaristia. Algumas oficinas podem ser realizadas para que as Irmãs possam aprofundar o sentido deste encontro quotidiano com o Cristo nos irmãos e Irmãs graças à Eucaristia.

Devemos particularmente nos empenhar para participar ativamente da liturgia. Na hora da Eucaristia, vocês poderão ser chamadas a ler a Palavra de Deus ou a distribuir a Comunhão. A Eucaristia é por si mesma um diálogo entre o Padre e o povo de Deus. Somos chamados a responder de maneira participativa e, às vezes, espontânea a certos momentos tais como à oração universal. São Vicente se empenhava em encorajar os membros do Corpo de Cristo a partilhar o ministério da oração e do serviço. Dado que estamos atentos a animar a Família Vicentina,

devemos não só nos preparar, mas ajudar as pessoas as quais servimos a se prepararem a fim de que elas também possam participar ativamente das celebrações eucarísticas.

A celebração da instituição da Eucaristia da quinta-feira Santa é o modelo perfeito de nossa relação entre a oração comunitária (a Eucaristia sendo o exemplo por excelência) e a missão na qual Jesus une intimamente o serviço da caridade à partilha da Palavra e do Sacramento.

Minhas Irmãs, que bênção para a Igreja se cada uma de vocês se empenhar em participar plenamente da Eucaristia, a unir sua voz à de seus irmãos e irmãs na oração. Para parafrasear São Vicente de Paulo, “dai-me uma comunidade de oração...”

Concluindo, uma observação prática, durante os tempos de oração comunitária, peço-lhes elevar seus corações, espírito e voz, ao Senhor que ouve o grito dos pobres e rezar particularmente por nossos irmãos e irmãs que se encontram em lugares de conflitos tais como, Quênia, Eritreia, Oriente Médio, Norte da Índia e Colômbia que são atualmente os países onde os nossos irmãos e irmãs da Família Vicentina e os pobres que eles servem mais sofrem.

“...Se nós nos reunimos diante do Senhor como os primeiros cristãos faziam, ele se dará a nós em troca, e permanecerá em nós por suas luzes, e realizará através de nós o bem que nos propusemos cumprir na sua Igreja” (Carta de São Vicente, 15 de janeiro de 1650).

Seu irmão em São Vicente,

G. Gregory GAY, C.M.
Superior geral

Notas

¹ Para uma reflexão mais aprofundada, cf. Robert Maloney, “Como amigos íntimos”, na *Vincentiana* ano 2000 N° 4/5 pp. 335-354.

PADRE JAVIER ALVAREZ, DIRETOR GERAL

“A outra margem”

Com este título, quero refletir sobre o apelo que a Igreja lança a todos os cristãos: caminhar para a santidade¹. Eis aqui um grande projeto válido e necessário para todo cristão, quer faça parte da hierarquia, do grupo dos consagrados ou do laicato. A Igreja não inventou este projeto. Foi Jesus Cristo quem no-lo propõe na Sagrada Escritura: *“Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito”* (Mt 5, 48). São Paulo chega até mesmo a afirmar que a vontade de Deus é que cheguemos à santificação (cf. I Tes 4, 3; Ef 1, 4). Portanto, o apelo à santidade não é uma opção reservada unicamente àqueles que têm predisposições naturais ou àqueles que escolheram seguir Jesus Cristo de maneira radical. Não, a santidade é o horizonte natural de todo cristão: é o objetivo por excelência e a orientação a seguir.

Evidentemente, este chamado refere-se também às Filhas da Caridade. Sua entrega incondicional ao pobre, no seguimento de Jesus Cristo, realizada segundo o espírito próprio, lhes dará a possibilidade de alcançar esta santidade. Como podemos ver não há nada de extraordinário. Talvez a primeira idéia a ressaltar neste tema seja exatamente esta: a santidade não se constrói com atos heróicos e acontecimentos extraordinários, mas com os materiais da

vida ordinária, claro que, orientando-os para Deus. Sem dúvida alguma, este é o requisito fundamental. Podemos dizer isto desta outra maneira: as Constituições traçam o caminho de santidade para as Filhas da Caridade. O último artigo das Constituições, o nº 96, nos dá a chave para compreender porque este caminho nos conduz à santidade: “*Estas Constituições... devem ser observadas fielmente por todas as Irmãs, como sendo para elas a expressão da vontade de Deus*” (C. 96a). Todos os autores que refletiram sobre este assunto estabelecem uma relação entre a santidade e a vontade de Deus. São Vicente fez tudo isto ao longo de sua Conferência de 6 de janeiro de 1657 às Filhas da Caridade, que tem por título *Sobre a obrigação de trabalhar na perfeição*².

Por que refletir sobre este tema tão comprometedor, à primeira vista um pouco distante e nada fácil de abordar? O que me oferece esta ocasião é a tripla beatificação que a Companhia está vivendo em seis meses: Irmã Lindalva no Brasil, Irmã Giuseppina Nicoli na Sardenha e Irmã Marta Wiecka na Ucrânia. Provavelmente é a primeira vez que a Companhia vai viver estas três diferentes beatificações num período de tempo tão curto. Todos sabemos que a canonização e a beatificação são o sinal do reconhecimento oficial por parte da Igreja, de que alguém viveu conforme as exigências evangélicas e carismáticas. Ela o propõe ao Povo de Deus como exemplo a seguir. No caso de uma beatificação o exemplo é proposto a certos lugares e a determinadas pessoas, mas no caso de uma canonização, torna-se universal.

Minha reflexão não deseja tratar concretamente sobre nossas novas bem-aventuradas. Graças a Deus, já circulam entre nós as pequenas biografias que nos ajudarão a conhecer suas vidas e a compreender suas mensagens. Eu me situo melhor a nível do chamado universal à santidade. Pois, por trás destes três rostos concretos que chegaram à santidade podemos ver uma “*multidão numerosa, que ninguém pode contar*” de acordo com a expressão de São João (cf. Ap 7, 9). Há tantas Filhas da Caridade anônimas que se santificaram servindo os pobres, mesmo se a maioria delas não tem e não terá o reconhecimento oficial da Igreja, e se isto é importante, nós sabemos que não é o essencial. O que é realmente importante é que todas elas formam a “outra margem” da Companhia, a Companhia triunfante, a elas a nossa homenagem, a nossa grata recordação e a nossa oração.

AS SANTAS E BEM-AVENTURADAS, PATRIMÔNIO ESPIRITUAL DA COMPANHIA

A primeira coisa que devemos afirmar, é que se trata de um patrimônio vivo, embora elas pertençam ao passado. Todos, nós admitimos de um modo natural que nossos Fundadores estão vivos porque eles nos legaram um carisma que está sempre atual na Igreja, e também porque suas vidas são referências necessárias para viver a nossa vocação, depois deles muitos outros. Pois bem, cada Santa e Bem-aventurada da Companhia recorda às Filhas da Caridade o quanto este caminho vicentino é válido. Com efeito, uma Santa ou uma Bem-Aventurada é mais uma prova de que a vocação vicentina, tal como se vive na Companhia, conduz a Deus e isto é um mínimo. Em seguida, cada uma pode iluminar alguns aspectos da vocação vicentina, em relação com o que ela vive pessoalmente ou com as virtudes particularmente praticadas. Assim, por exemplo, a Bem-Aventurada Rosalie Rendu pode nos recordar a importância do serviço do pobre realizado de maneira desinteressada, apaixonada e completa; Santa Catarina, o amor e a devoção a Maria, etc. Nesta perspectiva, as Santas e as Bem-Aventuradas tem algo a dizer à Pastoral Vocacional hoje. Com esta boa dose de criatividade, estes modelos de vida vicentina podem chegar a tocar mais de um jovem de hoje.

Quero voltar sobre a imagem do rio com as duas margens e o curso de água, porque as duas margens formam o leito do rio com seu conteúdo de vida que é um conteúdo de serviço e de santidade. Poder-se-ia dizer a mesma coisa: entre a Companhia militante e a Companhia triunfante, não há separação absoluta nem esquecimento inevitável, mas uma corrente de amor e um fluido pleno de energias positivas. O artigo 35c das Constituições, no capítulo da

Comunidade fraterna para a missão, diz que *“A morte não representa o fim do amor fraterno: na comunhão dos Santos, as Irmãs falecidas estão presentes no pensamento e na oração de suas Irmãs”*. A relação com a outra margem não pode ser expressada melhor. Talvez, faltou acrescentar que as Irmãs falecidas são verdadeiras intercessoras para a Companhia e para as Comunidades, isto parece ser o fluido de energia positiva que vem da outra margem, segundo a fé da Igreja. A comunhão dos santos é uma verdade de fé de ida e volta, mesmo se encontramos dificuldades para explicá-los de maneira adequada. De ida, porque a oração dos vivos beneficia os falecidos e, de volta, porque os falecidos se tornam nossos intercessores junto de Deus.

As Santas e Bem-Aventuradas nos fazem olhar para o passado, aprofundar a história, esclarecer os acontecimentos, aumentar as estantes das bibliotecas. Tudo isto é válido se resulta num progresso. A imagem do rio nos faz compreender imediatamente que as águas paradas não servem para nada. Ela pode vir de muito longe, mas deve absolutamente interpelar e atingir a realidade. Ela deve servir para regar os campos de hoje. Digo isto porque existe a tentação de se comprazer demasiado no passado a ponto de permanecer fechado nele. A história sem projeção é pura arqueologia; e esta dificilmente pode dinamizar e atualizar a vocação vicentina. Por outro lado, a história boa recolhe as mensagens do passado e as atualiza. É preciso muita imaginação e criatividade para saber apresentar hoje tudo o que há de bom nos santos e bem-aventurados nas atividades tão delicadas como a Formação ou a Pastoral Vocacional. Tudo o que os santos viveram de belo e de grande não pode permanecer fechado em sua história, o exemplo deles é sempre da atualidade. Logo, será necessário tornar conhecidas suas vidas e mensagens de maneira expressiva para que os nossos contemporâneos possam compreendê-los, quer sejam jovens, cristãos, leigos vicentinos ou Filhas da Caridade.

A SANTIDADE, ESTRELA POLAR QUE ILUMINA E ORIENTA A VIDA

Para alguns filósofos, a história e o tempo são circulares, cíclicos: o que acontece hoje, já aconteceu e acontecerá novamente. A imagem da nora (moinho de água) e do burro rodando em torno do poço pode nos ajudar a compreender este conceito de história. As existências humanas são como bolas de neve que rolam muitas vezes sobre montanhas diferentes. É assim que se apresenta o eterno retorno das coisas, onde nada nem ninguém tem destino certo nem orientação clara. Daí, para acreditar na reencarnação basta só um passo. Por outro lado, o conceito cristão da história é linear. Isto significa que o tempo se estrutura em passado, presente e futuro. Existe uma inter-relação entre estas três fases: o futuro será o resultado daquilo que se cultivou no passado e no presente; nós podemos aprender do passado... Mas cada uma destas três fases é diferente. Os diferentes tempos dos verbos permitem nos situar numa destas três fases; assim nossa linguagem pode ser bem precisa. Nesta concepção linear do tempo, a história nunca se repete, mesmo se evidentemente as diferentes épocas da história tenham características comuns. A existência humana aparece como única, irrepetível, original. Num passado remoto, isto é, na origem do mundo e de cada ser humano em particular há Deus, o Criador e origem de todas as coisas (cf. Gn 1, 2). No fim do mundo em geral, no fim da vida de cada ser humano em particular, Deus também estará para dar sentido a toda forma de existência. Ele é *“o Alfa e o Ômega”*, (Ap 1, 8) o princípio e o fim (cf. Col 1, 15-20). Os extremos se tocam, pois, na vida humana a partida e a chegada têm um ponto comum, Deus. *“Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti!”* repetia frequentemente Santo Agostinho em sua oração.

A respeito da outra vida, a Sagrada Escritura não dá muitos detalhes. Por sua vez, a teologia tem suas dificuldades para apresentar esta verdade cristã. É preciso dizer que nós estamos diante de um mistério que, mais do que explicações, exigem aplicar o sentido da fé. A partir deste ponto de chegada, da *“outra margem”*, a partir da santidade reconhecida pela Igreja ou anônima, podemos fazer uma releitura de toda a existência humana para dar a cada coisa seu justo valor. Convém recordar isto frequentemente porque hoje o ser humano, até mesmo os cristãos, e talvez nós também, estamos rodeados de tanto bem-estar, tão ocupados e tão imersos

nas “penúltimas realidades” que as “últimas” podem escapar-nos facilmente. Contudo, são estas que dão aos pequenos gestos de serviço que se realizam cada dia, seu verdadeiro valor.

Graças a Deus, nunca se disse tão bem, a vida tem uma orientação com um destino final. O destino é Deus e a orientação é o chamado à santidade. A santidade consiste em seguir Jesus Cristo. Na realidade, os primeiros cristãos eram chamados de “santos” (cf. ICo 1, 2; Fil 1, 1; IP 1, 15-16). Muitos autores espirituais expressaram a santidade como a realização da vontade de Deus. É outra maneira de dizer a mesma coisa, porque a realização da vontade de Deus é sempre considerada no contexto do seguimento de Jesus Cristo. Para São Vicente, por exemplo, isto não traz nenhuma dúvida. Na repetição de oração de 17 de outubro de 1655 na qual ele apresenta aos Missionários a obrigação de trabalhar na perfeição, ele diz: *“A prática da presença de Deus é muito boa, mas parece-me que para adquirir a prática de cumprir a vontade de Deus em todas as nossas ações é ainda melhor; pois esta abrange a outra. Além disso, aquele que se mantém na prática da presença de Deus, às vezes, nem por isso pode cumprir a vontade de Deus”*³. Sobre este ponto da santidade ou da perfeição vê-se São Vicente prático e verdadeiro, bem conhecido de todos, que foge de todo tipo de transações e que chama cada coisa por seu nome: a chave para a santidade está em conformar-se com a vontade de Deus. A partir desta convicção que orienta tudo, podemos falar de todas as outras coisas. São Vicente faz isto quando nos encoraja à mortificação, à prática dos sacramentos e ao amor à vocação, como meios eficazes para crescer na própria santidade⁴.

Em seu tempo, havia também alguns que confundiam a santidade com determinadas manifestações externas, mais ou menos atraentes, desviando assim, o verdadeiro sentido das coisas. São Vicente insiste novamente: *“A perfeição não consiste em êxtases, mas em cumprir a vontade de Deus”*⁵. Um pouco mais adiante ele se pergunta: *“quem será o mais perfeito de todos os homens? Será aquele cuja vontade seja mais conforme com a de Deus, de tal forma que a perfeição consiste em unir a nossa vontade a de Deus, a tal ponto que a sua e a nossa sejam, no sentido exato, um mesmo querer e não querer; e quem mais resplandecerá neste ponto, será o mais perfeito”*⁶. Portanto, para São Vicente, a santidade não depende da preparação teológica nem dos conhecimentos adquiridos, mas em fazer da melhor maneira possível tudo aquilo que se deve fazer⁷. Dirigindo-se aos Irmãos coadjutores, diz: *“Sim, meus Irmãos, podeis ser tão agradáveis a Deus trabalhando em vosso ofício, seja na cozinha ou na despensa, como qualquer um de nós Padres pregando e catequizando”*⁸. *“Deus está entre as marmitas”* dizia Santa Tereza de Ávila, justamente para fazer compreender que a santidade não consiste em fazer coisas extraordinárias senão ordinárias, mas isto sim, com uma dedicação e profundidade extraordinárias.

As reflexões precedentes nos levam agora a estabelecer uma relação entre a santidade e a vocação. Evidentemente, seria uma contradição que uma Filha da Caridade chegasse à santidade à margem de sua vocação. Simplesmente, isto não é possível pelas duas razões que evocamos anteriormente: para uma Filha da Caridade a vontade de Deus se expressa pelas Constituições e pelas exigências de sua vocação. Ela segue Jesus Cristo, mas à moda vicentina, isto é, configurando-se com as três características do Cristo vicentino: Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor e Evangelizador dos pobres (cf. C 8a). A vocação marca o caminho da santidade, um caminho bastante utilizado ao longo da história. O serviço dos pobres, realizado numa visão de fé, sem esquecer a vida espiritual e a Comunidade coloca, pois, a Filha da Caridade no caminho que conduz a Deus. O ritmo deste caminho dependerá dela. A entrega a Deus e o serviço dos pobres não funcionam separadamente, mas se interconectam. Como diz o artigo 7b das Constituições: *“Um mesmo amor anima e dirige sua contemplação e seu serviço”*. A Comunidade é um elemento que não pode faltar na vocação de uma Filha da Caridade. Do ponto de vista prático, a Comunidade oferece ajudas múltiplas para que as Filhas da Caridade possam viver sua vocação (cf. C 9), não reconhecê-la seria uma injustiça.

Em épocas anteriores a formação insistia muito sobre a obrigação da perfeição. Falava-se muito da salvação e, portanto, também da condenação. Alguns ficaram muito marcados por este modo de apresentar as coisas, de tal maneira que se tornou para eles um ponto de preocupação excessiva, até mesmo de sofrimento. O que dizer a este respeito? A Igreja afirma a existência do julgamento de Deus sobre cada ser humano, mas ela acrescenta que será um julgamento misericordioso. Deus é assim e não pode deixar de sê-lo (cf. Lc 6, 36; He 2, 17). Baseado nesta citação bíblica incontestável e numa vida toda doada a serviço dos pobres, mesmo com falhas e pecados, não há porque temer uma condenação. Eu diria ainda mais, é necessário não se fazer a seguinte pergunta, eu serei salvo?”, mas antes esta outra, o que Deus me pede neste momento de minha vida? A primeira questão pode gerar uma angústia inútil. Por outro lado, a segunda nos obriga a ter os olhos do discernimento bem abertos, a conhecer a fundo as Constituições, a ser criativos, comunicativos, receptivos, solidários e confiantes. Esta questão tão saudável quanto exigente, nos obriga a nos doar e nos consumir a serviço dos outros, a serviço dos pobres, e ao mesmo tempo, evita a cair na angústia de uma salvação que se apresenta incerta. A salvação é a consequência lógica de toda uma vida, até mesmo no-la oferecerão como um presente sem mérito de nossa parte, o que é um reflexo da bondade de Deus.

A FELICIDADE DA SANTIDADE

Creio que felicidade convém melhor à santidade do que a alegria, mesmo se estes dois termos evocam os sentimentos que têm muitos pontos comuns. Talvez a felicidade seja mais interior do que a alegria e que esta termine por externar-se mais, pode ser. No entanto, eu usarei os dois termos indistintamente. São Paulo nos surpreende assegurando que a alegria é o segundo fruto do Espírito depois do amor (cf. Gal 5, 22). É verdade que, ao longo da Sagrada Escritura, um dos sentimentos mais distantes da alegria é a tristeza, o desespero, a desconfiança. São Paulo recomenda aos cristãos de Filipos: *“Alegrai-vos sempre no Senhor; repito; alegrai-vos”* (Fil 4, 4). Trata-se de uma recomendação final que quer ser também o sinal de pertença à Comunidade de Jesus. Por isso, São Paulo termina dizendo *“Que vossa serenidade seja conhecida de todos os homens. O Senhor está próximo”* (Fil 4, 5).

Por que a santidade produz felicidade e alegria? Deveríamos nos lembrar que as duas são ações gratuitas e generosas do Espírito Santo (cf. Fil 1, 25; Rom 14, 17; Gal 5, 22). Quando tem-se consciência de ter descoberto Deus em sua vida, de estar servindo-O nos pequenos serviços prestados aos pobres concretos, ou de trabalhar em projetos de desenvolvimento que Deus ama porque eles dão vida ao ser humano, todas as ações tomam um sentido. E o sentido é uma das coisas que mais alimenta o coração, muito mais do que as ajudas que beneficiamos para realizar o serviço que nos foi confiado. Como não acreditar que a pessoa que tem clara consciência de estar fazendo a vontade de Deus é feliz! É lógico. A única condição é de estar bem consciente disto. Quando encontramos um tesouro, a alegria brota espontaneamente nos diz o Evangelho (cf. Mt 13, 44; 13, 46). Se este tesouro é Deus, a alegria e a felicidade adquirem dimensões desmesuradas, que se refletem ou não no rosto. Não é necessário perguntar por que, da mesma maneira que não se pergunta por que a terra fica úmida depois de uma tempestade. Isto faz parte do que se chama reações naturais. A condição de tudo isto é a santidade de vida que se traduz numa fé viva, uma experiência profunda de Deus. Depois, esta felicidade produzida por uma vida centrada em Deus, se expressa em sorrisos, simpatia e bom humor, isto dependerá do caráter, da educação e também das circunstâncias. Com efeito, a felicidade dos santos pode exteriorizar-se na prática de muitas maneiras: do otimismo face à vida, da serenidade e da paz nas contradições, capacidade para comunicar esperança e entusiasmo, de viver sem medo o presente e o futuro, porque se confia na Providência de Deus que já contou até nossos cabelos de nossa cabeça e que nenhum cai sem o Seu consentimento (cf. Mt 6, 25-34; Lc 12, 22-32).

Na foto de Irmã Lindalva, é impressionante ver seu grande sorriso. É um sorriso sereno, natural, contagiante. Parece que ela gostaria de nos mostrar, através de seus olhos tão

expressivos, onde se encontram a fonte de sua alegria e a chave de sua felicidade. Além disso, ela escreveu, “*quero transbordar de alegria, ser incansável em fazer o bem*”. Nesta frase, ela estabelece uma relação entre alegria e o serviço, entre o entusiasmo e a vida, e o faz de uma maneira abundante, generosa, quase exagerada. Os verbos “transbordar” e “ser incansável” assim no-lo revelam. Quando alguém se deixa invadir pelo Deus da vida, sem dúvida alguma, experimenta a alegria de viver, a felicidade de servir e o sentido de tudo, até mesmo os sofrimentos que inevitavelmente deve passar. A felicidade, em definitivo, é a recompensa dos santos aqui, neste mundo. Além disso, ninguém duvida que a alegria e o otimismo facilitam enormemente qualquer serviço aos pobres. Podemos dizer que se trabalha melhor, que se organiza melhor. A pessoa é como máquina, para funcionar bem, ela precisa de óleo.

CONCLUSÃO

Durante este tempo de Assembléias, a Companhia se pergunta como ser profetas de esperança neste nosso mundo, ainda muito carente destes. A busca de seu bem-estar pessoal, a preocupação excessiva de possuir e de aproveitar das coisas de uma maneira egoísta e individualista, o recurso à violência para fazer prevalecer seus interesses pessoais, a competitividade e a obsessão consumista, parecem ser as recomendações que de diferentes maneiras, mais circulam e se repetem aqui e lá. Quais são os sinais proféticos que podem interpelar as pessoas hoje? É necessário dizer que, o mais importante, é que a santidade de vida pessoal e comunitária que as Filhas da Caridade devem manifestar passa por um compromisso corajoso em favor dos pobres e de um estilo de vida simples, cordial e acolhedor, deixando transparecer a bondade de Deus. Hoje, a Igreja nos pede para dar este testemunho, embora muitos de nossos contemporâneos não tenham antenas e nem sensibilidade suficiente para captar este sinal. Quando à santidade de vida se acrescenta a alegria da entrega no serviço e a cordialidade fraterna, está-se oferecendo um incomparável serviço profético. Somente através da alegria que vem de Deus é que podemos proclamar e compreender o Evangelho como Boa Notícia.

Padre Javier ÁLVAREZ
Diretor geral

Notas

¹ Cf. Lumen gentium, nº 39.

² Coste X p. 242

³ Coste XI p. 319

⁴ Coste IX p. 238-239/ 57-58 / 191-192

⁵ Coste XI p. 317

⁶ Coste XI p. 318

⁷ Cf. Coste II p. 129; XII p. 76-77- ; X p. 253-254-255

⁸ Coste XI p. 320

PADRE JAVIER ÁLVAREZ, DIRETOR GERAL

Pista para a jornada mensal de reflexão e de oração

“Ele não está mais aqui: Ressuscitou” (Mc 16, 6)

Meditação pascal sobre algumas cenas bíblicas

Sem a Ressurreição de Jesus Cristo, tudo é incompreensível. Com sua Ressurreição tudo tem sentido: a vida, a natureza, a Igreja, o amor, nossa vocação, a Comunidade, o serviço dos pobres, a saúde, a doença, inclusive a morte. A Ressurreição do Senhor é a opinião própria do cristão, a sabedoria do crente, o argumento do evangelizador. A Igreja nos pede que sejamos testemunhas da Ressurreição de Jesus Cristo. Mas, não poderemos ser se antes não assimilarmos a notícia. A Igreja teve uma boa idéia de nos propor um caminho de cinquenta dias para descobrir sua novidade, para nos encher da luz e da alegria próprias daqueles que crêem em Jesus Cristo vivo. Não basta conhecer a notícia da Ressurreição, é necessário se apropriar dela, personalizá-la, assimilá-la até que esta penetre nossa carne e nosso sangue. Não esqueçamos que a distância que vai do espírito ao coração é mais longa do que parece. Convido-as a deterem-se e considerar as cinco cenas bíblicas que lhes apresento a seguir e que são como cinco ecos da Ressurreição de Jesus Cristo vividos por diferentes personagens.

O TÚMULO VAZIO

E no primeiro dia da semana, foram muito cedo ao sepulcro... “Quem nos há de remover a pedra”... “Não tendes medo... Ele ressuscitou... Eis o lugar onde o depositaram” (Mc 16, 2-6).

O sepulcro permaneceu aberto como uma enorme boca que grita que Jesus venceu a morte. Ontem ainda, esta morte era a rainha incontestável. Hoje ela foi destronada definitivamente. A luz perfurou a escuridão que encadeava o ser humano (cf. I Cor 15, 35-49). O sepulcro é a prova, o sinal: nada nem ninguém pode acorrentar a vida. Com o relato do túmulo vazio, podemos renovar nossa fé no Cristo vivo. Creio, Senhor, na vida, creio em Ti, tu colocaste a luz da Ressurreição no centro de tudo. Obrigado, Senhor, porque Tua Ressurreição é também a nossa.

AS RECORDAÇÕES DE MARIA MADALENA

Maria Madalena se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava... “Mulher, por que choras?”... “Rabbouni!”... “Eu vi o Senhor”. (Jo 20, 11-18).

A morte do Senhor havia enchido Maria Madalena de dor. Ela estava cheia de recordações e de saudade. As lágrimas foram seu único reconforto e seu refúgio interior. O mundo exterior lhe parecia muito cruel, ousou matar a vida. Maria Madalena tinha perdido a esperança. Só restava a beleza de suas recordações e de seus sentimentos para viver definitivamente submergida neles. O paradoxo é que, precisamente, a concentração na recordação do Senhor é o que impede Maria Madalena de reconhecer Jesus ressuscitado. A saudade de um passado inexistente, de um Vivente que se crê morto, cega seus olhos para não ver as coisas tal como são de fato. Esta situação de Maria Madalena pode se reproduzir em nós hoje, no plano pessoal e comunitário.

Com efeito, muitas realidades atuais podem nos levar a pensar que “Deus morreu”. Por exemplo, em muitos ambientes sociais, Deus não cabe; a incredulidade e o ceticismo fazem a fé escapar. Em nosso mundo, cada dia aparecem novas formas de violência. Apesar da tecnologia avançada, a pobreza, a fome e a injustiça social são cada vez maiores. A Igreja perde seu significado sacramental e profético em todo o primeiro mundo. A Companhia vê seus membros diminuir e envelhecer... No entanto, a mensagem do Ressuscitado é que: em todos estes lugares, Ele continua sendo o Senhor e está sempre bem presente. Mas, é preciso pedir ao Senhor que as realidades negativas das quais acabamos de falar, não nos impeçam de descobrir outros sinais de vida que se encontram em nosso mundo: a solidariedade praticada por muitas pessoas e muitos grupos, movimentos sociais em favor da defesa de valores humanos, como o pacifismo, o ecologismo, a preocupação pelo terceiro e quarto mundo (cf. *Redemptoris Missio*, nº 84); a

coragem da Igreja e o testemunho de tantos cristãos e grupos comprometidos com o terceiro mundo; o vigor da Companhia presente em 90 países e nos lugares mais duros da pobreza, etc.

A REAÇÃO DOS PEREGRINOS DE EMAÚS

No terceiro dia depois da morte de Jesus, dois discípulos caminhavam para uma aldeia chamada Emaús”... “És tu acaso o único forasteiro em Jerusalém que não sabe o que nela aconteceu estes dias?” ... explicava-lhes o que dele foi dito em todas as Escrituras... seus olhos se abriram e o reconheceram (Lc 24, 13-35).

Os dois peregrinos, decepcionados pelo fim do seu Mestre haviam decidido voltar à sua vida de antes, ao ofício que tinham antes de conhecer Jesus. Quando o Mestre estava vivo, tinha sentido permanecer unidos em torno dele, mas quando Jesus morreu, eles compreendem que não havia nenhuma razão para permanecer em comunidade, porque havia desaparecido o centro que os unificava. A morte de Jesus supunha o fim e a dispersão da comunidade. É importante assinalar que o primeiro efeito, produzido pela experiência do Ressuscitado nos discípulos de Emaús é o retorno à Jerusalém, à comunidade. A experiência do Ressuscitado os fez ver que a comunidade continuou tendo sentido porque Ele continuou sempre sendo o seu centro.

Este comportamento dos peregrinos de Emaús se reproduz, em sua primeira fase, quando se chega à conclusão de que a comunidade é inconsistente, por consequência, é melhor buscar em outro lugar a realização de sua vida pessoal e apostólica. Vive-se nela, mas não se espera mais nada dela. Sob este clima de desconfiança, esconde-se o seguinte raciocínio ateu: o Senhor não tem o poder de reuni-la novamente para reenviá-la como antes, ao mundo, de um modo criativo e profético. Celebrar a Ressurreição significa refazer este caminho de desânimo até o encontro com o Senhor ressuscitado que unifica a comunidade em torno de seu centro e que a dispersa para a atividade apostólica no exterior.

Dá-nos, Senhor, a graça de crer nas possibilidades de nossa comunidade, porque Tu estás lá para encorajá-la, sustentá-la e amá-la. Hoje, nós te pedimos Senhor, sair também em nosso caminho para caminhar conosco, como o fizeste naquele dia com os dois peregrinos de Emaús. Não poderias desvendar-nos o segredo de tua Palavra e assim nos aquecer interiormente? Não poderias hospedar-te em nós, assim nós descobriríamos tua presença no Pão, na Irmã de Comunidade e no Irmão pobre?

O MEDO DOS APÓSTOLOS

Na tarde do mesmo dia, que era o primeiro da semana, os discípulos tinham fechado as portas do lugar onde se encontravam, por medo dos Judeus... Os discípulos ficaram cheios de alegria... “Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 19-23).

Já se passaram 2.000 anos da Ressurreição do Senhor e o cristão ainda está prisioneiro do medo, como os discípulos da passagem que acabamos de mencionar: medo do futuro, medo da vida, medo dos outros, medo da morte... Frequentemente, se vive olhando para todos os lados exceto para o céu. O medo está em proporção inversa ao Evangelho e à fé: quanto mais se tem medo, menos se tem fé. E à medida que esta cresce, os medos se diluem, como o orvalho da manhã desaparece à medida que o calor do sol aumenta. Todos os anos, no tempo da Páscoa, a Igreja nos repete que a Palavra de Deus é mais forte do que o mal e que Jesus Cristo venceu a morte. A Páscoa, quando a interiorizamos bem e a fazemos nossa, ela leva naturalmente à paz e à alegria. Estes são os frutos naturais desta estação bendita. Contudo, repete-nos novamente que Tu deixaste paz suficiente para todos. Põe tua mão em nosso ombro e grita-nos: “Não temas, não tenha medo”. Infunde-nos tua luz e tua serenidade, dá-nos a felicidade de te pertencer, inunda-

nos de tua alegria. Faz de nós, Senhor, testemunhas de tua alegria. Que o mundo descubra o que é crer em Ti!

A INCRECULIDADE DE TOMÉ

Tomé, um dos Doze... não estava com eles... “Se eu não ver... e não puser o meu dedo... não acreditarei” ... “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20, 24-29).

Ele recebeu o testemunho de sua comunidade: “*Nós vimos o Senhor!*”. De nada serviu. Ele se sentia muito seguro em seu realismo grosseiro. Tomé comete dois erros. O primeiro foi o de acreditar que a única realidade que existe é aquela percebida pelos sentidos. Ele nega que, quando a realidade se deixa alcançar pelo Espírito de Deus, ela vive, ainda que se trate de realidades aparentemente ou definitivamente mortas. Eis o que significa a Ressurreição de Jesus. Tomé pode ser nossa imagem e nosso acusador quando, impelidos por nosso desejo de ser absolutamente realistas e nada mais que realistas, nós não pensamos em novas possibilidades para os pobres, para o mundo, para as pessoas, para a Igreja e para a comunidade. Custa-nos compreender que quando estas realidades se abrem à influência do Espírito, Este pode devolver a vida a ossos secos e colocá-los novamente de pé, como nos relata o Profeta Ezequiel (cf. Ez 37).

O segundo erro de Tomé consiste em não crer no testemunho de sua comunidade. “*Nós vimos o Senhor!*”, esta frase pode ter suas equivalências comunitárias, como por exemplo: “*Temos experimentado a beleza e o dinamismo da oração em comum*”; “*Tentamos diferentes maneiras para que a Comunidade cresça e isto tem dado resultado*”; “*Temos tentado realizar alguns projetos para servir os pobres e nos sentimos cheios de entusiasmo por esta tarefa*”... Fechar-se e rejeitar as “idéias” dos demais é reproduzir hoje o comportamento que manifesta um ateísmo subjacente de Tomé. Senhor, ajuda-nos a crer nas possibilidades das pessoas e da Comunidade.

PARA A ORAÇÃO E A REFLEXÃO PESSOAL

- Meditar as cinco passagens evangélicas que correspondem às cinco cenas bíblicas centradas sobre a Ressurreição, apresentadas nesta reflexão.

- Com qual personagem, que atitude ou situação, você mais se identifica? Qual sua maneira de considerar o fato da Ressurreição de Jesus Cristo?

- Viver a Páscoa supõe entrar nesta dinâmica da Ressurreição. Quais são os aspectos de sua vida que devem ressuscitar nesta Páscoa? Como fazer para conseguir isto?

Padre Javier ÁLVAREZ, cm
Diretor geral

ESPECIAL BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ LINDALVA

Província de Recife

Homilia da celebração de beatificação
de Irmã Lindalva Justo de Oliveira

Salvador, 2 de dezembro de 2007

“O novo ano litúrgico começado hoje, chama a nossa atenção para a vigilância, apelo a viver cada dia a fim de participar da construção de um mundo novo.

Para os cristãos, dezembro é o mês do Advento: espera do Salvador que deve vir para dar sentido à vida humana, acontecimento que coloca alegria no coração dos cristãos.

Este novo ano se abre sob o sinal da esperança porque o Filho do Homem, o Cristo glorioso virá. Através de Jesus, Deus bate à porta de nosso coração. Acolhamo-Lo, Ele quer entrar em nossa vida. Ele veio, Está no meio de nós e Ele voltará. Não sabemos como e nem quando retornará, mas não duvidamos de sua promessa: a chegada do Ressuscitado concluirá a obra da redenção e terminará a história. Nossa morte, chegará, provavelmente antes deste final magnífico, mas não será estranho. Quando Jesus viveu na terra, Ele nos pediu que nos preparássemos. Espera e vigilância são as duas faces de uma única atitude confiante e laboriosa.

A Espera é um tempo precioso e não um parêntese inútil. Para aqueles que esperam, o Advento tem um sentido especial. Isto significa cultivar a esperança, dar sentido ao tempo e à vida.

Esperar, é velar para que as distrações e as preocupações não nos distanciem do objetivo: ir ao encontro do Senhor, como escreve São Paulo na Carta aos Romanos (13, 11-14).

Este domingo, a Arquidiocese de Salvador vive dois acontecimentos altamente significativos:

- manifestar hoje ao mundo um testemunho de fé e de amor: o reconhecimento de um mártir.
- coroar o ano pastoral e começar uma nova etapa de compromisso missionário da Diocese.

Deus quis que a Diocese da Bahia conte entre seus fiéis, uma mártir que, por sua vida e sua morte, testemunha seu amor por Jesus Cristo.

Irmã Lindalva escrevia: *“Cada dia de nossa vida deve ser um novo dia de ação de graças. Sou feliz por ter sido chamada por Deus. Quem segue Jesus Cristo recebe a força para carregar sua cruz. Como é bom amar Deus e Maria, sua Mãe. Eu quero irradiar esta felicidade, servir meu próximo, ser incansável em fazer o bem”*.

Irmã Lindalva soube viver em sua vida o Advento do Reino de Deus. Nós também, somos chamados a ser as testemunhas do Reino de Deus. É importante ter consciência disto e rezar nesta intenção. Pois, anunciar hoje o Reino é difícil: parece ser uma realidade ultrapassada, não corresponde mais à mentalidade contemporânea, muitos homens não acreditam mais na presença de Deus no mundo, a moral e a ética se tornaram relativas. Porém, como batizados, colocamos nossa esperança em Deus e nunca seremos decepcionados.

Como a vida de Irmã Lindalva testemunha, o Reino de Deus não se constrói pela violência, mas pelo amor e o dom desinteressado. Na sexta-feira, 9 de abril de 1993, participa com sua Comunidade da Via-Sacra na Igreja da Boa Viagem para *“honrar a Santa Cruz”* como escrevia Santa Luísa. Todo discípulo é chamado a identificar-se ao Cristo sofredor por todos os homens, a sofrer pelo Reino e suportar com amor as dificuldades encontradas. *“Eu lhe mostrarei tudo o que terá de sofrer pelo meu nome”*. Dizia Jesus a Paulo (At 9, 16).

Depois da Via-Sacra, Irmã Lindalva volta ao Abrigo Dom Pedro para servir o café da manhã aos idosos com o amor de Cristo que a impelia, ela que dizia: *“O serviço dos idosos*

torna-me cada dia mais feliz... prefiro que meu sangue seja derramado do que me distanciar deste serviço”.

No começo do decreto sobre o martírio de Irmã Lindalva, o Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, aqui presente, o Cardeal José Saraiva Martins, recorda as palavras do Papa Bento XVI aos religiosos: *“Pertencer ao Senhor significa arder com o seu amor incandescente, ser transformado pelo esplendor da sua beleza: a nossa pequenez é oferecida a Ele como sacrifício de perfume suave, a fim de que se torne um testemunho da grandeza da sua presença para o nosso tempo, que tanta necessidade tem de ser inebriado pela riqueza da sua graça. Pertencer ao Senhor: eis no que consiste a missão dos homens e das mulheres que escolheram o seguimento de Cristo casto, pobre e obediente, a fim de que o mundo creia e seja salvo”.*

Durante esta Eucaristia, rezaremos pela missão da Igreja, sinal da missão de Jesus Cristo no mundo, em seguida, assumiremos nosso compromisso missionário, confiando-o à intercessão da Bem-aventurada Lindalva e da Virgem Maria, Mãe da Igreja.

Cardeal Geraldo Majella AGNELLO
Arcebispo de Salvador

ESPECIAL DA BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ LINDALVA

Beatificação em Salvador – Bahia

Uma experiência marcante...
um momento sagrado... um lugar sagrado...
Deus estava lá!

“Uma experiência marcante, um momento sagrado, um lugar sagrado”: estas expressões resumem nossas reflexões e impressões quando relembremos da beatificação da Bem-aventurada Lindalva em Salvador – Bahia: momento de graça onde experimentamos a presença de Cristo nos pobres, na Companhia e na Igreja. Foi a celebração de uma vida ordinária, de uma Filha da Caridade comum, oriunda de uma família comum, elevada aos altares para a veneração de toda a Igreja por causa da maneira extraordinária com que ela viveu a caridade até o fim... *uma mártir da caridade*. Esta celebração da qual nós participamos foi para nós um apelo à santidade, à conversão de forma que o testemunho profético da Bem-aventurada Lindalva seja fonte de esperança para outras.

Impressões...

O que impressionou a todas nós foi a alegria e a simplicidade que transpareciam em todos os aspectos deste evento: a celebração, o ambiente, os participantes: habitantes da Bahia, Irmãs, convidados. O acolhimento caloroso que nos foi dispensado em todos os lugares foi ultrapassado apenas pelo calor tropical da véspera e do dia que seguiu o da beatificação. A fé vibrante, testemunhada pelas pessoas no momento de todas as celebrações das quais nós participamos, manifestava a religiosidade popular naquilo que ela tem de mais belo. Um espírito de colaboração reinava em todas as atividades: no seio dos diferentes grupos entre a Igreja, a Comunidade, as Instituições públicas. Tínhamos o sentimento de estar no meio de um povo, de uma Igreja e de uma Comunidade: todos expressavam sua fé de maneira bem alegre, simples, espontânea, viva e dinâmica, orgulhosos por terem um de seus membros, declarado Bem-aventurado pela Igreja.

A dimensão eclesial da celebração foi um outro aspecto que impressionou bom número dentre nós. A presença de milhares de leigos representando Paróquias diferentes, centenas de Padres e Bispos (religiosos e diocesanos), o conjunto dos corais paroquiais, os numerosos jovens, que participaram ativamente da celebração no estádio, nos permitiu viver de maneira real, embora talvez tenha sido de maneira limitada, o dinamismo da vida da Igreja local. De acordo com a nossa participação em várias celebrações litúrgicas, certamente, a inculturação da liturgia não data de ontem na Igreja local de Salvador – Bahia, a procissão de entrada com o livro da Palavra de Deus foi particularmente impressionante.

A presença do Cardeal José Saraiva Martins, vindo de Roma, representante do Papa, os membros do clero e as Filhas da Caridade das outras regiões do mundo, manifestou claramente a universalidade da Igreja. A Bem-aventurada Lindalva, humilde Filha da Caridade, daqui em diante pertence à lista dos santos propostos pela Igreja à veneração e à imitação de toda a Igreja. O Cardeal Geraldo Majella Agnello, Arcebispo de Salvador, em sua homilia, situou o acontecimento da beatificação no contexto do compromisso missionário e do Projeto Pastoral da Arquidiocese.

A beatificação de Irmã Lindalva nos permitiu viver a experiência de pertencer a uma só família além das diferenças de cultura, de país, marcada pelo espírito vicentino de simplicidade, humildade e caridade. A disponibilidade das Irmãs do Brasil foi admirável, em particular a da Província de Recife e especialmente da Comunidade do Colégio Salette. A presença das Irmãs vindas das Províncias da América Latina simbolizou a internacionalidade da Companhia e sua solidariedade nos momentos de alegria, como também o fazem nos momentos de sofrimentos e de angústias. A presença de Mãe Evelyne Franc e de Irmã Juana Elizondo testemunhava o vínculo unindo milhares de Filhas da Caridade numa única família ao longo dos anos, pelo mundo inteiro.

A Celebração Eucarística de Ação de Graças na Catedral, onde a multidão menos numerosa do que no estádio, permitiu celebrar “em família” na alegria. Irmã Evelyne agradeceu a todas aquelas e aqueles que organizaram as diferentes cerimônias.

Imagens...

Enquanto a última nota dos cantos da celebração não se apaga, algumas imagens permanecem em nós... como as das fotografias de um álbum de família que folheamos de vez em quando para recordar as lembranças e reapropriar o sentido que eles têm para nós.

Imagens tão marcantes quanto variadas:

- O povo da Bahia respirando a alegria de viver, a simplicidade, a fraternidade em meio a diversidade...
- As Irmãs sempre acolhedoras, atentas, disponíveis, simples e felizes...
- O estádio cheio de milhares de pessoas que rezavam, cantavam, aplaudiam numa atmosfera que era ao mesmo tempo alegre, orante, espontânea e dinâmica...
- As imensas bandeiras representando as diferentes Paróquias entrando no estádio em procissão com Nossa Senhora de Aparecida...
- Os jovens estudantes que dançaram o Magnificat com graça...
- A mãe da Bem-aventurada Lindalva levando as relíquias de sua filha, acompanhada por seu filho, testemunhando uma grande serenidade e uma força tranquila. Atenta a tudo o que se passava, oferecia o testemunho eloquente de sua fé e de sua generosidade em ter dado uma filha a Deus e aos pobres...
- O imenso sêlo da Companhia, cujas diferentes partes foram reunidas com criatividade durante a celebração no estádio.

- A estátua da Bem-aventurada Lindalva levada ao altar por suas Irmãs depois da Celebração Eucarística de Ação de Graças na Catedral.
Estas são imagens difíceis de esquecer.

Realmente este acontecimento em seu conjunto foi para nós uma experiência muito forte... um momento sagrado... um lugar sagrado.

*Meu espírito exulta em Deus meu Salvador;
Porque Ele olhou para a humildade de Sua Serva...
O Todo-poderoso fez por mim grandes coisas, Santo é Seu nome...*

As Irmãs do Conselho geral

ESPECIAL DA BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ GIUSEPPINA NICOLI

Província da Sardenha

Beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli
3 de fevereiro de 2008

Quem é Irmã Giuseppina Nicoli?

Irmã Giuseppina Nicoli desembarcou em Cagliari no dia 1º de janeiro de 1885, com apenas 21 anos. Em poucos meses ela havia decidido deixar sua família para entrar no Seminário das Filhas da Caridade: Cristo a atraía de uma maneira fulgurante.

Nasceu no dia 18 de novembro de 1863 na aldeia de Casatisma, na periferia de Pavia. Seu pai era Juiz e sua mãe, filha de advogado. A quinta dos dez filhos, Giuseppina era amada de todos: sua doçura era um dom natural. Ela obteve o diploma de Professora com o secreto desejo de se dedicar à educação das crianças pobres para com as quais tinha uma afeição natural. Irmã Nicoli engajou-se com entusiasmo em sua nova missão em Sardenha. Ela fora designada para dar aula às meninas do Instituto da Providência, mas sua atividade não se limitou apenas à educação. Embora sua saúde frágil, ela não se poupa e aos 30 anos teve seu primeiro problema de tuberculose pulmonar que a consumirá até sua morte.

Em 1899, ela foi nomeada Superiora do Orfanato de Sassari. Lá, sua vitalidade feminina amadurecida pela experiência se desenvolve. Ela dá um novo impulso à Associação das Filhas de Maria; Reúne as Damas da Caridade e as orienta no serviço dos pobres, anima os cursos de catecismo reunindo todo domingo quase 800 crianças, meninos e meninas e, sobretudo, restabelece a Escola de Religião para os jovens Universitários, a fim de prepará-los a serem bons educadores penetrados de Fé.

Em 1910, Irmã Giuseppina, nomeada Ecônoma Provincial, deixa Sassari por Turim; Dezoito meses depois, é escolhida como Diretora do Seminário das Filhas da Caridade. No dia 7 de agosto de 1914, a Providência a conduziu à “Escola Maternal da Marinha” de Cagliari. Este bairro, centro de um grande desenvolvimento urbano, era também povoado de numerosas famílias pobres. Estas viviam em cabanas, casas sujas e estando sem trabalho, sobreviviam graças a expedientes nem sempre honestos.

Porque as crianças eram pobres, era-lhes recusado o direito de estudar, e a falta de educação favorecia neles comportamentos corruptos. A declaração da Primeira Guerra Mundial complicou ainda mais a situação.

Com a pobreza e a indigência material, Irmã Giuseppina descobriu também as mais secretas feridas da pobreza moral e espiritual: ela percebe a necessidade de formar as jovens que ela reúne graças à Escola de Religião e às aulas no “Instituto da Marinha”. Ela é responsável também pelos jovens da cidade que trabalhavam numerosos nas fábricas de Tabaco e os reúne através das atividades dos Retiros Espirituais. Ela se preocupa também com as jovens empregadas domésticas que chegavam do interior para a cidade a fim de trabalhar com famílias ricas. Além dos momentos de alegria e de lazer passados juntos, Irmã Giuseppina ensina-lhes o catecismo e pede para dar-lhes aulas para aprenderem a ler e a escrever.

Mas, acima de tudo, a estima de Irmã Giuseppina está ligada aos “*meninos dos cestos*” bem conhecidos na cidade por seu instrumento de trabalho particular: *o cesto*. Estas *crianças* se tornaram sua preocupação mais constante: uma multidão destes jovens adolescentes, descalços, mal vestidos e mal alimentados se comprimiam perto do mercado da cidade, próximo da Escola Maternal da Marinha. Eles ganhavam a vida carregando da estação ou do porto as bagagens daqueles que paravam na cidade, ou ainda transportando as compras que as senhoras faziam no mercado. Frequentemente, eles batiam à porta da Escola para pedir algo para apaziguar sua fome. Com as Irmãs de sua Comunidade, Irmã Giuseppina se fez próxima destes jovens com a delicadeza de uma boa mãe: ela os conquista, pois eles tinham uma necessidade profunda e inexprimível de atenção e afeição. Por sua confiança e amizade, convida-os a irem ao encontro do Senhor; ela muda o nome deles para os “*garotos de Maria*”, confiando-os assim à proteção da Virgem. Ela dava-lhes aula, prepara-os para exercerem uma profissão, fala-lhes de Deus e os torna conscientes de sua própria dignidade.

Em 1924, último ano de sua vida, Irmã Nicoli e a Comunidade da Marinha foram publicamente caluniadas. Irmã Giuseppina aceita em silêncio a calúnia até que o Presidente da Administração reconheceu seu erro. Em seu leito de morte, Irmã Nicoli concedeu-lhe o seu perdão com um grande sorriso. Ela morreu no dia 31 de dezembro de 1924.

Irmã Giuseppina Nicoli será beatificada no dia 3 de fevereiro de 2008 em Cagliari, cidade que viu resplandecer sua caridade. Numerosas são as graças obtidas por sua intercessão. O milagre, pelo qual ela será proclamada bem-aventurada se refere a um jovem militar de Milão curado subitamente de um tumor ósseo com dilatação lombar.

A Caridade foi a regra de toda sua vida: num profundo caminho de humildade, ela viveu diariamente esta afirmação de nosso Fundador: “*Vós servis Jesus Cristo na pessoa dos pobres: Oh! Minhas filhas, como isto é verdadeiro!*”

ESPECIAL DA BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ GIUSEPPINA NICOLI

Província da Sardenha

Celebrações da
beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli

Cagliari, 3 de fevereiro de 2008

“Quero ser toda de Deus”

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA NA PRAÇA DA ESPLANADA DA BASÍLICA DE “NOSSA SENHORA DE BONARIA” EM CAGLIARI.

Estamos em Cagliari, cidade da Sardenha, ao longo do mar. Neste domingo, 3 de fevereiro de 2008, dia da beatificação de Irmã Giuseppina Nicoli, chove e o mar está agitado,

este mar que Irmã Giuseppina tanto gostava de contemplar como um sinal do amor infinito de Deus.

“Quero ser toda do Senhor!” Foi com estas palavras de Irmã Giuseppina Nicoli que o Postulador geral, o Padre Guerra, começa a narração biográfica da nova Bem-aventurada indicando as etapas principais de sua vida. Na leitura da Bula Pontifical pelo Cardeal Saraiva Martins, representante do Papa e presidente da Celebração Eucarística, todo o povo reunido ao redor da Basílica de Nossa Senhora de Bonaria, estala um longo aplauso muito comovente, enquanto foi descoberto o bonito quadro de Irmã Nicoli revelando seu doce sorriso.

A Celebração Eucarística da qual participam aproximadamente 15.000 pessoas acontece na esplanada da Basílica cuja grande escadaria dá a impressão de um anfiteatro natural, capaz de concentrar todos os olhares para o altar. De lá, saiu a procissão interminável dos celebrantes precedida de várias Ordens de Cavaleiros vestidos com seus trajes pitorescos.

Além do Cardeal Martins e do Cardeal Franck Rodé, cm, 20 Bispos dos quais 2 Lazaristas concelebram bem como mais ou menos 400 Padres, dentre os quais muitos Padres da Missão, inclusive o Padre Gregory Gay, Superior geral. Um grande número de Filhas da Caridade vindas de todas as Províncias da Europa: da Polônia ao Portugal, da Irlanda à Albânia e também numerosas Irmãs italianas colorem de azul a zona mais próxima do altar onde podemos ver Irmã Evelyne Franc, Superior geral e seu Conselho. Emocionados e agradecidos os numerosos parentes de Irmã Nicoli, aproximadamente cinquenta sobrinhos netos e a sobrinha quase centenária ainda viva, chegaram diretamente de Roma para participar de um dos acontecimentos mais raros e único para uma família ainda numerosa e unida. Entre os Prefeitos presentes, pode-se notar o de Casatisma, país natal da nova Bem-aventurada da Província de Pavia, chegou de ônibus com seus concidadãos, guiados por seu pároco, Dom Sebastião.

Depois da proclamação do Evangelho das Bem-aventuranças, o Cardeal Martins apresenta em sua homilia, a criatividade extraordinária da caridade manifestada por Irmã Nicoli unindo cada um por suas palavras e seus atos:

“Giuseppina Nicoli nos mostra que viver para Deus e em Deus é ser realmente livre: é uma mensagem da qual precisamos num mundo que frequentemente identifica a liberdade com o auto-sucesso individual e, portanto, como um fechamento ao outro e aos necessitados.

O que impressiona em Irmã Nicoli é:

- a prontidão da caridade com a qual ela acolhe e responde aos novos desafios sociais de seu tempo

- sua esperança evangélica que não a deixa vacilar diante de nenhuma incompreensão ou dificuldade

- a intensidade de sua comunhão com Cristo eucarístico que a sustenta em toda sua obra caritativa.

- sua preocupação com a evangelização.

A chave de sua vida espiritual e de sua santidade está em seu desejo de ser toda do Senhor. Ela sabe como dar lugar ao Senhor dentro de si mesma e se considera como um instrumento do Amor de Deus. Assim, ela pratica a virtude de humildade cristã que não é aniquilamento de si mas, ao contrário, reconhecimento da ação de Deus em si”.

No ofertório, a apresentação dos dons foi muito emocionante: um longo cortejo sobe ao altar, precedido por duas Filhas da Caridade e uma Irmã do Seminário, vestidas com os antigos hábitos usados por Irmã Nicoli.

Algumas crianças com seu cesto e vestidos de “garotos de Maria”, típicos da época em que viveu Irmã Giuseppina, provocam muitos aplausos.

Os dons apresentados além do pão e do vinho foram bem significativos:

- um cordeirinho vivo,

- um cesto com doces caseiros levados por Luísa e Teresa, sobrinhas mais novas de Irmã

Nicoli,

- uma placa gravada do batistério de Casatisma onde Irmã Nicoli foi batizada em 1863,

- flores, peixes, produtos regionais, dentre os quais um bôlo de mais ou menos 50 quilos feito com fineza num estilo “bizantino”, trazidos por jovens em costume local.

No momento em que os “garotinhos de Maria” sobem ao altar entre os aplausos, um primeiro raio de sol perfura as nuvens e ilumina a praça molhada pelas chuvas abundantes. Apesar dos danos causados no início da celebração, a chuva é acolhida como um primeiro presente de Irmã Nicoli à cidade de Cagliari onde frequentemente falta água.

A celebração chega ao fim, aplausos imprevistos acolhem a imagem de Bento XVI que aparece nos grandes telões, recitando o ângelus com os peregrinos da praça São Pedro. A voz e o rosto paterno do Papa enchem os participantes de emoção que parecem não mais distinguir a praça de Bonaria da de Bernini, crendo ver Bento XVI em Cagliari onde ele deve vir em setembro próximo.

Depois da celebração, a festa continua bem próximo da feira de Cagliari. Alguns grupos folclóricos locais ornados com bordados dourados intervieram com cantos e danças.

A VIGÍLIA DE ORAÇÃO PREPARATÓRIA

Na véspera da celebração da Beatificação, uma vigília de oração se realiza no santuário Marial de Bonaria. Alternando com cantos e textos, a mensagem de Irmã Nicoli é apresentada por seu biógrafo, o Padre Antonello, Visitador de Turim: *“Irmã Giuseppina Nicoli, diz ele, manifestou uma grande caridade graças a uma inteira adesão à vontade de Deus à imitação de Cristo Servo”*. Através das ladainhas vicentinas cantadas pelo Padre G. Burdese, a assembléia invoca todos os santos e Bem-aventurados da família vicentina para que eles sustentem sua caminhada à exemplo de Irmã Nicoli. Em seguida, Irmã Evelyne Franc e Irmã Clementina Dessi, Visitadora da Sardenha, partilham o pão aos participantes. Este gesto simboliza a partilha da vida das Filhas da Caridade com os pobres.

A EUCHARISTIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

No dia seguinte, uma Eucaristia de Ação de Graças é celebrada na Basílica Marial de Bonaria. Parentes de Irmã Nicoli, membros da Família Vicentina e muitos leigos participam da Missa. Durante sua homilia, o Bispo de Cagliari, Monsenhor Giuseppe Mani, expressa seu reconhecimento e sua admiração, não só à Irmã Nicoli, mas também às Filhas da Caridade que, pelo serviço prestado aos pobres, testemunham a caridade de Cristo no seio da Igreja.

Depois, em nome da Companhia, Irmã Evelyne agradece àqueles que prepararam as celebrações de beatificação e encoraja cada uma a continuar este caminho de santidade no amor de Deus e do próximo, a exemplo de Irmã Nicoli.

Os participantes destes 3 dias de celebração viveram uma experiência excepcional feita de comunhão e de alegria graças ao acolhimento e à disponibilidade das Irmãs da Sardenha. A santidade reconhecida oficialmente nestes dias é para nós um apelo vibrante para hoje.

Irmã Maria Ida CISLAGHI
Filha da Caridade, Província de Turim

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Moçambique

Encontro dos Conselhos Provinciais
do continente africano
8-16 de setembro de 2007

No dia 8 de setembro de 2007, na Casa Provincial de Maputo (Moçambique) se reuniram o Padre Javier Alvarez, Diretor geral, Irmã Wivine Kisu, Conselheira geral e os Conselhos Provinciais da África Central, Congo, Camarões, Eritreia, Etiópia, Nigéria, Madagascar e Moçambique para um Encontro interprovincial.

Depois da Celebração eucarística de abertura presidida pelo Padre Alvarez, os Diretores provinciais e o Vice-Visitador da Congregação da Missão de Moçambique, Irmã Therezinha Madureira, Visitadora de Moçambique, apresenta as boas vindas e abre o Encontro; em seguida, as Irmãs do Seminário com outras Irmãs apresentam canções e danças do país. Depois deste tempo de confraternização, antes de começar os trabalhos do encontro, a Irmã Assistente apresenta a Província através de um Power Point.

Durante os primeiros dois dias, o Padre Alvarez intervém sobre “*O Governo nas Constituições*”. No terceiro dia, uma Irmã da Congregação das Franciscanas hospitalares desenvolve o seguinte tema: “*A vida consagrada na África, seus desafios e suas perspectivas*”. Em seguida, Irmã Wivine apresenta algumas reflexões sobre “*O serviço de animação na Companhia*”.

No dia 12 de setembro, viagem dos participantes a Limpopo, a 250 km de Maputo a fim de avaliar o Projeto Dream. No dia seguinte, visita de dois Centros de Saúde dirigidos pelas Filhas da Caridade (Hospital do dia e Centro de saúde da aldeia de Chalucane), depois retorno à Casa Provincial de Maputo.

O Encontro continua no dia 14 de setembro com a conferência do Padre Jesus, Vice-Visitador da Congregação da Missão sobre “*A espiritualidade do serviço dos pobres*”. No dia seguinte, um Padre Salesiano expõe o tema: “*Discernimento na formação inicial*”.

Finalmente, no dia 16 de setembro, a Eucaristia de encerramento foi presidida por Monsenhor Francisco Chimoio, Arcebispo de Maputo. Juntos, demos graças por todas as maravilhas que o Senhor nos concedeu durante estes dez dias de trabalho. Cada dia, uma Província era responsável pela animação litúrgica e a recreação comunitária.

Este Encontro interprovincial permitiu um melhor conhecimento mútuo, uma partilha de experiência e diálogos sobre os desafios a enfrentar em nosso continente africano.

Irmã Elsa Fátima UASSIQUETE
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Peru

Após o tremor de terra, O amor e a esperança renascem

O ano de 2007 foi difícil para a Província bem como para outras Províncias que viveram situações semelhantes. Parecia-nos experimentar o silêncio de Deus no meio de tão numerosos sofrimentos. Contudo, Deus não demorou a se doar com abundância tocando o coração da humanidade inteira que se mobilizou conosco, para enfrentar as consequências do tremor de terra. Ele voltou seu rosto para esta humanidade sofredora através de milhares de gestos de proximidade e de profunda solidariedade. Damos graças a Deus, pois, estes acontecimentos tão dolorosos fizeram nascer uma maior fraternidade. A mobilização de toda a Companhia nos permitiu experimentar a beleza da internacionalidade do fogo da caridade. Entre outros, nós beneficiamos de uma ajuda imediata pelo envio das Irmãs por um tempo: duas Irmãs do México, uma Irmã de Bogotá, duas Irmãs de Cali. Juntamente, com quatro Irmãs peruanas, assumiram a responsabilidade da educação de mais de 400 alunos do Maternal ao Secundário em locais pré-fabricados. Os projetos de construções de alojamentos são difíceis de realizar por causa da falta de documentação adaptada às formalidades requeridas. As visitas em domicílio permitem descobrir as necessidades urgentes para a saúde física, psicológica e espiritual e aí encontrar soluções. Nós também continuamos oferecendo alimentação em 30 lugares de acolhimento. A população de Pisco é simples e muito cristã, ela conta com a divina Providência e encontra perto d’Ela reconforto, força e esperança. Desde o princípio, muitos benfeitores se ofereceram para nos ajudar. Várias Instituições privadas do país também nos apoiaram e permitiram começar os trabalhos de construção de um colégio. As damas da Caridade do país assumiram a construção do pavilhão da Escola primária. Todos os colégios do país se mostraram solidários e generosos. Os Padres da Missão e a Família Vicentina também nos ajudaram.

Neste ano de 2008, nós celebramos o 150º aniversário da Província e pedimos ao Senhor e à Virgem Maria para nos ajudar a tornar real a profecia e a esperança no meio dos pobres e das Irmãs.

Irmã Marina Isabel MELENDEZ
Visitadora do Peru

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Suíça – Turca

Saúde para todos, respeito por todos

Em 2003, um amigo das Irmãs da Casa Provincial de Friburgo deu seu telefone para ajudar Susana, uma jovem antropóloga de 25 anos, engajada em “Médicos sem fronteiras” em Genebra que procurava um quarto para ela.

Nascida na Suíça, de pai português, de mãe espanhola, ela fala inglês, alemão, tudo para ser eficaz junto de uma população cada vez mais cosmopolita. Ela foi enviada por “Médicos sem fronteiras” com a finalidade de recensear, em Friburgo, as pessoas sem estatuto legal e não tendo direito à saúde. Podíamos orientá-la em sua investigação, estando nós mesmas engajadas em associações leigas a serviço das “pessoas sem documentos”. Rapidamente, alguns vínculos lhe permitem conhecer a situação social destas pessoas e elaborar, para elas, um projeto reconhecido pela Direção de saúde e de Assuntos sociais.

Para a realização do projeto, foram organizados alguns encontros na Casa Provincial com leigos voluntários e profissionais. Trata-se de colocar em prática um plantão de cuidados-escuta-conselhos, organizar uma equipe de médicos, generalistas e especialistas, dentistas, farmacêuticos e lançar uma campanha de informação. Procurou-se um local de três salas: uma para o médico, uma para o social e uma sala de espera e documentação. Muita solidariedade e generosidade permitiram a realização rápida do projeto. “Médicos sem fronteiras” (MSF) podem retirar-se para dar lugar à “*Associação Fri-Santé*” reconhecida pelo Estado.

Entre os beneficiários deste espaço de cuidados e de orientação, os responsáveis se encontraram diante de problemas de prostituição. Elas lançam uma nova ação, denominada “*Grisélidis real*”¹ que inicia em 8 de março de 2007 pelo Dia da Mulher e que coloca em movimento uma nova rede de solidariedade a qual nós podemos também colaborar, em escala. Trata-se de um ônibus ambulante que se instala todas as noites de quinta-feira numa rua do “bairro quente”. Propõe às mulheres prostituídas, acolhida, diálogo confidencial, conselhos, documentação, distribuição de preservativos. Rapidamente, os voluntários percebem que, entre estas trinta mulheres, muitas têm fome: seu ganho magro serve para ajudar suas famílias que ficaram no país ou pagar dívidas.

Nós, Irmãs, tomamos a iniciativa de alertar todas as Comunidades religiosas, masculinas e femininas, apostólicas e contemplativas da cidade. Respostas positivas e encorajadoras! Assim, de acordo com um planejamento, cada Comunidade obtém sanduíches, bôlos, bebidas etc... e uma possibilidade de tomar um lanche lá mesmo.

Esta cadeia de solidariedade revela a preocupação das comunidades religiosas (todas envelhecendo) em permanecer atentas à vida e inventivas para responder aos apelos de hoje de acordo com seus pequenos meios. Elas continuam revelando o amor de Cristo pelas pessoas em situação difícil.

As pessoas responsáveis por «*Grisélidis Real*» expressaram às Comunidades o seu reconhecimento: “*Graças a seus dons em alimentos, vocês oferecem a estas pessoas – que enfrentam condições de trabalho difíceis, vivem no cotidiano a arbitrariedade de uma situação difícil e no entanto, mantém uma dignidade e uma força surpreendente – um pouco deste respeito que lhe é recusado por causa da sua marginalização. Obrigada, pois, por este pedacinho de humanidade que permite movimentar a indiferença coletiva!*”

As quatro Irmãs da Casa Provincial

¹ Cf. O romance *O preto é uma cor* que conta a vida de Grisélidis Réal, uma mulher que se entregou à prostituição para criar seus 2 filhos... «Esta existência é apenas miserável e banal, se ela não fosse fabulosamente iluminada por um amor fora do comum!» – Balland

ESPECIAL DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN

Mère Suzanne Guillemin
1906 - 1968

Filha de Deus – Filha da Igreja
Superiora geral da Companhia

VII – CONTINUAÇÃO DO PERÍODO PÓS-CONCILIAR

A – A FORMAÇÃO

*Nem o que planta é alguma coisa nem o que rega,
mas Aquele que faz crescer... Deus (1 Cor 3,7)*

SEMINARIUM DAS DIRETORAS DE SEMINÁRIO: 20 DE ABRIL – 3 DE MAIO DE 1967

Em 15 de fevereiro de 1967, Mère Guillemin escreve a todas as Diretoras de Seminário convidando-as a preparar estas reuniões plenárias cujo programa se organiza em torno de dois objetivos: aprofundar uma doutrina de formação das futuras Filhas da Caridade e estudar os problemas pedagógicos e práticos que se apresentam diariamente à Diretora de formação.

Nesta mesma carta, Mère Guillemin esclarece o objetivo do encontro: ajudar as Irmãs Diretoras na delicada tarefa de formação e determinar juntas os principais elementos de um **Diretório dos Seminários renovados** de acordo com as diretrizes do Concílio. Ela dá também uma pequena visão do desenvolvimento do Seminarium: uma conferência magistral orientará as discussões da manhã. As tardes serão dedicadas às partilhas e exposições sobre questões concretas. E a noite, o Padre Diretor fará uma curta síntese espiritual dos trabalhos.

O tema geral “Conduzir uma batizada à consagração religiosa” será tratado segundo diferentes aspectos da formação: formação à vida de fé, à vida comunitária, à vida sacramental, à vida consagrada, à vida de oração, à vida apostólica. Formação de acordo com o espírito de São Vicente e, para terminar o importante tema: a Diretora do Seminário.

Os conferencistas são especialistas do assunto que desenvolvem com brio e simplicidade ao mesmo tempo: Monsenhor Géraud, Monsenhor Brien, Padre Ranquet, op, Padre Morin, cm, Padre Lloret, cm. O Padre Jamet coordena tudo. O Seminarium não é um curso onde se dá um ensinamento. Os conferencistas tratarão os aspectos da formação, “mas seu trabalho não consistirá somente em escutar e receber do alto, tratar-se-á de refletirem juntas e de pôr em comum o que escutaram nas conferências para bem assimilá-las”.

A conferência de abertura do Padre Jamet deu o tom ao futuro trabalho: a formação é obra de Deus e obra da Irmã. Da união a Deus e do seguimento de Cristo deriva o amor apostólico e o serviço da Igreja. A formação será completa e não por etapas: primeiro o humano, depois o cristão, em seguida o religioso e o apóstolo. O Padre Jamet sublinha: é preciso formar uma Filha da Caridade. O apostolado específico, a finalidade apostólica informam todo tipo de vida e a espiritualidade: **“honrar Jesus Cristo na pessoa dos pobres”**.

Mère Guillemin intervirá, no meio da Sessão através de algumas reflexões sobre um dos componentes mais importantes da vida religiosa e de nossa vida de Filhas da Caridade, isto é, a vida comum “da equipe humana à Comunidade humana”. A conferência que durou uma hora não será reproduzida no que segue. Alguns flashes importantes podem ser aplicados à vida de hoje.

“...Atualmente, assistimos a duas tomadas de consciência: uma tomada de consciência da dignidade da pessoa humana, da importância que se deve dar a cada pessoa em seu destino pessoal, e também do lugar que ela deve ocupar na realização do plano de Deus e por outro lado na Comunidade, à necessidade indispensável de se reunir em Comunidade para a construção do Reino de Deus e mesmo simplesmente no nível de mundo para a construção da sociedade humana...”. E ela acrescenta: “podemos dizer que o pensamento conciliar está inteiramente impregnado destas duas realidades: dignidade da pessoa humana e caráter comunitário da vocação humana”.

Para ilustrar esta afirmação, Mère Guillemin recorda uma das peregrinações à Chartres com o Irmão Ricardien. Ele encontra seu lugar neste contexto de reflexão sobre a vida comunitária.

*“Um dia, diante desta bela flecha de Chartres, a mais antiga, que é uma maravilha de arquitetura, eu lhe dizia: “Mas, será que não há, deveria ter tido aí naquele tempo, arquitetos de grande valor, desenhistas de primeiro plano, artistas de primeira classe. Não conservaram alguns nomes? Não se sabe quem esteve à frente de uma maravilha deste tipo?”. Então, ele me disse: “Não, veja, é justamente isto que é a maravilha, é que era a comunidade quem construía. **A comunidade construiu a Catedral.** E na comunidade, havia pessoas que eram simples operários, havia os que eram grandes artistas, grandes arquitetos, e todo este mundo constituía uma comunidade...”. E Mère Guillemin contínua: “Vejam, é exatamente a imagem da adaptação da pessoa à Comunidade. Se a comunidade da população de Chartres não possuísse algumas personalidades eminentes, ela não poderia ter construído a Catedral. Se as personalidades eminentes de Chartres não tivessem tido com eles todo o povo reunido numa comunidade orante e ativa, a Catedral também não teria sido construída”.*

Depois de ter analisado alguns aspectos particulares, Mère Guillemin conclui: *“É preciso que consigamos desencadear uma verdadeira doutrina de vida comum e a ensinemos para que as Irmãs saibam bem **porque vivemos em Comunidade**”.*

A importante questão da vida comunitária foi completada pela oração e a comunhão num mesmo espírito, alimentada pela doutrina evangélica, a santa liturgia e, sobretudo, da Eucaristia.

Um meio para criar o pensamento comum é a leitura em comum. O tema do silêncio foi abordado bem como o da amizade fraterna em Comunidade; *“a caridade é a plenitude da lei, ela é o vínculo da perfeição”.*

Mère Guillemin termina com um encorajamento: *“tomem, portanto, sua Comunidade como esta é, e diariamente, a construímos por meio de esforços de suporte, por meio do perdão mútuo, por meio do levantar-se depois de cada queda; diariamente, nós construímos nossa Comunidade, assim como diariamente se constrói, por nossos pobres pequenos esforços, bem esperamos, o Reino de Deus”.*

AS SESSÕES EM BALLAINVILLIERS

1º de janeiro de 1967! Lemos na carta que introduzia as notícias das Irmãs falecidas algumas linhas adaptadas à renovação que nos é pedida na Companhia neste período tão próximo do encerramento do Concílio e que Mère Guillemin propõe retomar com coragem.

“Com efeito, o tempo em que vivemos não é de facilidade e repouso, mas de luta e trabalho; e, para sermos fiéis ao apelo incessante de Deus neste período de pós-Conciliar, necessitamos de uma força especial que só pode vir do Cristo. Estamos na hora em que tudo o que se vive na Igreja deve renovar-se ou morrer... não há lugar na Igreja para Filhas da Caridade médiocres, a Igreja e o mundo têm necessidade de santos. É neste sentido que importa determinar o trabalho do ano...”.

BALLAINVILLIERS ABRIU SUAS PORTAS

Sessão de 25 anos de vocação que orientava suas reflexões sobre os temas dos quais os Padres Lazaristas davam as grandes linhas *“Filha da Caridade na etapa dos 25 anos, tentem ver sob o olhar de Deus, os principais acontecimentos externos ou internos que para vocês foram uma luz ou uma orientação. Como serei na glória de Deus?”* Foram tratados em conferência magistral, em reflexão pessoal ou em grupo os problemas de liberdade, de obediência, viver o Evangelho, a vida de comunidade, o deixar Deus por Deus.

Esta Sessão se inscreve na renovação **na e com a Igreja**; é também **na e com a Comunidade**. A renovação espiritual é a condição da renovação, o que exige de cada membro um trabalho a parte. As conferências ajudaram a purificar e aprofundar a fé, é através dos gestos

mais humildes e das atitudes nas relações humanas que deve passar a fé, o que a fez dizer a uma sessionista: “ir rumo ao futuro com um olhar mais novo”.

CATEQUESE NO HOSPITAL

Sempre em Ballainvilliers de 22 a 28 de agosto de 1966, 65 Filhas da Caridade trabalharam juntas para repensar sua missão de Irmã de hospital. Os Padres Diebold e Koch foram os animadores da Sessão “O sentido da vida de uma Irmã de hospital no dia seguinte do Vaticano II e à luz de São Vicente”. Duas questões foram levantadas desde a primeira noite às participantes:

1 - “Em sua vida, há algo do Vaticano?”

2 - Todo o ideal de São Vicente subsiste na missão da Filha da Caridade de hospital?”

As Irmãs assinalam suas dificuldades e, em unanimidade, lamentam sua falta de conhecimentos e de aprofundamentos doutrinários.

Apesar de tudo, disse o conferencista, elas estão em situação privilegiada... e, isto, por várias razões.

- A formação técnica e a atividade ajudam a discernir a experiência vivida pelas pessoas e nos tornarmos próximas delas.

- Esta aproximação se faz em um momento de sensibilidade particular do paciente.

- O centro de convergência que constitui o hospital oferece à Irmã uma possibilidade excepcional de encontros e de partilhas. Contudo, a catequese encontra um certo número de problemas de transmissão da fé que foram os pontos de estudos e de reflexão: a doutrina e seu conhecimento; o tema; o método usado. “Como falar do Evangelho ao homem de hoje?”

Resumindo, para ser educadora da fé, a Irmã hospitaleira:

- Deve em primeiro lugar ter a humilde convicção que lhe é necessário ter um conhecimento doutrinário bem assimilado, aprofundado na oração. Assim ela poderá introduzir a Palavra de Deus.

- Ela deveria fazer isto adaptando-o ao interlocutor, a partir do acontecimento, isto é, que lhe será necessário adquirir bases de psico-sociologia e desenvolver nela um certo sentido do homem, se lembrar entre outros que a doutrina social da Igreja continua o progresso social.

- Ela trabalhará para desenvolver continuamente em si as virtudes teológicas, o que lhe permitirá descobrir e reconhecer como tudo o que tem e tudo o que é valor humano deve entrar na fé, deve ser reconhecido na fé e constituir o primeiro passo da pré-catequese.

Conclusão: a Sessão foi “o acontecimento-sinal” pelo qual Deus falou pessoalmente a cada uma. A “sessão-acontecimento” provocou uma mudança de mentalidade e, para algumas, como um segundo chamado à vocação de Filha da Caridade de hospital.

AS SESSÕES PARA AS IRMÃS DE 10 ANOS DE VOCAÇÃO NA CASA-MÃE

Em 1966, as Irmãs Jovens de 10 anos de vocação tiveram seu “mês” na Casa-Mãe: instruções sobre a vida de comunidade, conferências doutrinárias sobre a Sagrada Escritura, a teologia, a moral, e trabalhos de grupo. Os temas tratados questionaram as Irmãs sobre a oração e a meditação, a vida espiritual, a vida fraterna, os votos, o ofício, o clima evangélico. Irmã Midon, diretora do Seminário, fez uma instrução que as Irmãs não poderão esquecer. *“Parece-me que depois de 10 anos de vida religiosa, vividos sob o olhar de Nossa Mãe Imaculada e reunidas hoje novamente junto a Ela, como estavam no dia de sua tomada de hábito e dos Santos Votos, Jesus lhes dirige pessoalmente a pergunta: “o que dizes tu que Eu sou?” Jesus lhes convida... a refletir seriamente sobre esta pergunta a fim de amar e servir cada vez melhor o Bom Deus, a Igreja, os Pobres, a dupla família de São Vicente”*.

Mère Guillemin reunirá as Irmãs no dia 16 de agosto: “...*Eu sempre me faço esta pergunta: “por que tem tantas pessoas que se dão a Deus e por que tem tão poucos santos?” É porque, em geral, nós perdemos esta segunda opção, nós não a colocamos de uma maneira que se continue de um modo perseverante. Nós não somos verdadeiramente fiéis a Deus”.*”

Alguns pontos fortes desta comunicação com as Irmãs da Sessão interessarão a Comunidade inteira.

*“Este mês de 10 anos está entre os mais importantes de sua vida espiritual... que vocês tomem uma decisão equivalente em importância à decisão que vocês assumiram quando entraram na Comunidade: decisão tomada entre Deus e vocês mesmas. É preciso que vocês decidam **dar-se uma segunda vez a Deus** e colocar sua vida sobre seu eixo real que é Deus: o Cristo. Somos Filhas da Caridade para ser aqui a **manifestação do amor de Deus**”.*

Um segundo elemento de nossa vida de oração e de relação a Deus é desenvolvido a partir do profeta Daniel: “**Eu te escutei porque tu és um homem de querer**”. O grande negócio de nossa vida é chegar a este impulso para Deus, a este desejo de viver as realidades sobrenaturais e espirituais. Eis porque!... Mère Guillemin anuncia o projeto futuro: sessões para as Irmãs de 5, 10, 15 e 25 anos de vocação, etc...porque, é preciso renovar-se sempre.

Um terceiro ponto, longamente desenvolvido foi a importância da justiça e da caridade para tornar Deus presente pois, assim, Deus pode ser reconhecido pelos homens. Trata-se de saber **contemplar** sua presença em nossa vida: “*A contemplação da Filha da Caridade é de abrir os olhos sobre tudo o que representa o Senhor em torno de nós e sobre tudo o que pode tornar presente o Senhor por nós mesmas. Tenham este olhar lúcido, aberto sobre as coisas e as pessoas, mas em sua oração, de vez em quando, é necessário saber deixar um pouco a aparência humana do Senhor para reencontrá-lo nele mesmo*”.

Mère Guillemin recorda que o Senhor sabe quem nós somos; por isso “*quando retomarem sua vida, apesar dos fracassos, apesar das quedas... digam que sua vida não é uma sucessão de êxitos, mas uma vida próspera é uma sucessão de fracassos superados e de falhas perdoadas*”.

SESSÕES DE FORMAÇÃO NAS PROVÍNCIAS

Sessão dos 15-30 anos da Província de Rennes

Depois de 15, 20 e 25 anos e até mesmo 30, certas Irmãs não haviam se encontrado. Alegria de se encontrar, todas prontas a se revigorar na renovação conciliar e a renovação da Comunidade, todas preparadas a se colocar na escuta para compreender a imensa riqueza da Bíblia e mais particularmente dos Salmos.

Durante três dias, elas rezaram, trabalharam, refletiram juntas. Três tempos fortes estimularam a reflexão: o aprofundamento bíblico, a vida profissional, a vida apostólica e a vida comunitária. Foi dedicado um longo tempo à obediência. Depois das partilhas, os grupos se reuniram para afirmar que **a obediência é um fator de segurança, de ordem, de felicidade e de desenvolvimento**; e isto, como? Na união ao Senhor tal como nós repetimos diariamente: “Cristo se fez por nós obediente até a morte de Cruz. Por isso, Deus o exaltou soberanamente”. Demos graças a Deus.

Província de Marselha

75 Irmãs de 12 a 25 anos de vocação se reuniram no Santuário de Nossa Senhora de Prime-Combe com o programa seguinte: Luz e sombra em nossa vida religiosa: obediência e diálogo. O Padre Glenadel, Diretor da Província e o Padre Causse asseguravam as conferências e os debates depois das partilhas.

Província de Paris

A assembléia diocesana de Paris realizou-se em Versalhes: 1.300 religiosas de todos os lugares. Foi pedido a Mère Guillemin para falar sobre suas impressões como auditora do Concílio. A imprensa destacou este belo testemunho, embelezado de características agradáveis e, sobretudo, de lições práticas para que todas se coloquem ao trabalho de leitura atenta e aprofundamento dos decretos que lhes concernem.

AGGIORNAMENTO EM ATOS NAS PROVÍNCIAS DA COMPANHIA

A circular de Mère Guillemin, introduzindo os capítulos de necrologia em 1967, continha entre outras recomendações estas poucas palavras: “... *é necessário, minhas queridas Irmãs, trabalhar com ardor e perseverança para nos renovar espiritualmente. E o que é, pois, esta “renovação” que nos é pedida? É primeiramente reencontrar o jorrar de vida que é a graça dos começos, este frescor de sentimentos, esta vida brilhante das coisas sobrenaturais, este poder constantemente em ação à procura de Deus que é a essência da juventude espiritual*” ... e, mais adiante, “*renovar-se, é também auscultar seu coração e nosso comportamento a fim de saber se ainda acreditamos nisto*”.

Esta descoberta da graça dos começos, Mère Guillemin se consagrará a isso pessoalmente visitando as Províncias das outras regiões. As Irmãs Conselheiras voltaram às Províncias que lhes foram confiadas, para encontrar as Irmãs Serventes e as companheiras.

Mère Guillemin viaja para o Brasil com Irmã Rocha; na passagem, elas param em Portugal. São reservados três dias às Visitadoras da Colômbia, Equador, Argentina, Peru, Chile, Brasil, América Central, Porto Rico, Santo Domingo. O México e Cuba não puderam obter o visto.

Irmã Marie-Basil se encontrará com 200 Irmãs Serventes nos E.U.A.: “Filhas da Caridade, Filhas da Igreja hoje”. Em seguida, ela dará muita alegria à Índia, à Austrália, às Filipinas e ao Japão.

O Eco da Casa-Mãe relata as sessões do Oriente Médio, de Madagascar, de Nápoles, Roma e Siena.

As sessões profissionais se sucedem a Ballainvilliers: ensinamento, catequese especializada, casas de crianças para a educação. As profissões de saúde: hospitais, enfermeiras a domicílio, assistentes sociais, não buscam somente a melhoria profissional, mas a integrar no ato, as orientações vicentinas para a evangelização. Os retiros na Casa-Mãe são uma ocasião favorável para sensibilizar as Irmãs ao que é pedido. A este respeito, ela fala da necessidade para fazer passar para a vida as decisões do Concílio: “*O Espírito Santo depositou os germes na Igreja, diz ela, cabe a nós fazer frutificá-los*”.

E ela recomenda ler em comum, atentamente os textos conciliares. Ler somente o decreto referente à vida religiosa não é suficiente. Este é apenas um detalhe no conjunto. É necessário ler estes textos, um depois do outro, situá-los no seu respectivo lugar.

Para que nós nos abramos ao mundo, é preciso primeiramente nos perguntar se nós conciliamos nossas disposições interiores ao Evangelho.

Os Superiores Gerais da França se encontraram para os dias de Estudos dos quais participam as Visitadoras. À Mère Guillemin, pediu-se para fazer uma conferência sobre as orientações do Concílio.

Para concluir estas páginas de alguns aspectos do aggiornamento da Companhia, algumas palavras de Paulo VI, na audiência geral de 17 de agosto de 1966 podem nos ajudar a nos engajar

decididamente em nossa revisão pessoal: "... O Concílio deixou para a Igreja não somente um rico tesouro de doutrina e de impulsão para a ação, mas também uma herança de deveres, de preceitos e de tarefas às quais deverá corresponder a boa vontade da Igreja, a fim de que o Concílio seja realmente eficaz e alcance os objetivos que se estabeleceu".

B – PREPARAÇÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL “EXTRAORDINÁRIA” DE 1967

Introdução

6 de agosto de 1966: **publicação do Motu próprio Ecclesiae Sanctae** com algumas linhas de explicação para a aplicação dos decretos conciliares. *“O governo da Santa Igreja pede que após a celebração do II Concílio ecumênico do Vaticano sejam estabelecidas novas leis e novas regulamentações que respondam às necessidades suscitadas por ele e sempre melhor adaptadas aos novos fins e aos novos campos de apostolado que o Concílio abriu à Igreja no mundo de hoje, este mundo profundamente transformado que precisa de uma luz radiosa e anseia por um ardente amor sobrenatural...”*.

O decreto *Perfectae Caritatis* nos concernia. Para fazer diligentemente amadurecer os frutos do Concílio, os Institutos devem em primeiro lugar promover a renovação espiritual e, a partir daí, tentar realizar, com prudência, mas também com prontidão, uma renovação adaptada de sua vida e de sua disciplina pelo frequente estudo dos capítulos V e VI da Constituição *Lumen Gentium* e do decreto *Perfectae Caritatis*, assim que pela aplicação da doutrina e das normas do Concílio.

Na maneira de proceder à renovação adaptada da vida religiosa, o artigo 4 de *Perfectae Caritatis* nos indica a linha de ação.

Para preparar a Assembléia, o Conselho geral prevê de uma maneira oportuna uma ampla e livre consulta dos religiosos e endereçará os resultados a fim de que o capítulo seja facilitado e orientado. Isto poderá ser feito por exemplo... pela nomeação de Comissões, o envio de questionários, etc.

Art. 4: *“Nos critérios de renovação, é especificado que os Institutos se aplicarão em conhecer verdadeiramente o espírito de sua origem, a fim de conservá-lo fielmente nas adaptações a decidir...”*

Alguns pontos particulares foram assinalados: é recomendado que se reze integralmente ou em parte o ofício divino.

- Conceder mais tempo à oração mental do que à multiplicidade de orações vocais, procurando conservar os exercícios de piedade comumente em uso na Igreja e zelando para que os membros do Instituto sejam formados com cuidado nos moldes da vida espiritual.

- Nos Institutos devotados ao apostolado, será sempre estabelecido, para a vida comum que fora do tempo dedicou às ocupações espirituais, os religiosos tenham momentos à sua própria disposição e que uma parte conveniente seja reservada ao lazer...

- Na formação, levar-se-á em conta o caráter próprio do Instituto.

Depois deste preâmbulo um pouco longo mas necessário, nós encontramos Mère Guillemin em ação. “A pequena Companhia, a exemplo da Igreja e na Igreja, busca também fazer sua renovação”. Desde 1966, ela fala às Irmãs: *“Trata-se de que quando se fala de renovação espiritual? Nossa renovação deve se apoiar fortemente no passado, nas sãs e fortes tradições da Comunidade... Primeiro este Deus caridade, a presença do Cristo, o Cristo descoberto, contemplado, servido nos pobres; o Cristo presente em nós e por nós, apresentado ao mundo dos pobres... Outra característica, a disponibilidade aos apelos da Igreja na pastoral de hoje”*.

Os projetos de renovação amadureceram em sua mente. O Cardeal Antoniutti, com o qual ela fala de seus projetos de renovação, a encoraja: “... *sua situação na Igreja que não é nem a de uma Congregação religiosa nem a de um Instituto secular, é algo bem particular que é, em resumo, uma situação privilegiada. É uma característica do gênio de São Vicente e o fato de um gênio profundamente religioso*”. E ele acrescenta: “*Sobretudo sua situação canônica própria não é preciso tocá-la. É algo de absolutamente notável que está bem na base da vitalidade da Companhia na Igreja e eu direi com alegria de vocês o que eu dizia dos Jesuítas: quer elas sejam o que são ou que não sejam*”.

Vê-se neste trecho a riqueza colocada à disposição das Irmãs.

A CONSULTA

“Deus se revela na Comunidade através de seus membros”.

No dia 17 de fevereiro de 1967, o Padre Slattery, Superior geral, escreve às Visitadoras do mundo inteiro e às Filhas da Caridade anunciando-lhes a decisão do Soberano Pontífice para realizar uma Assembléia geral especial para a revisão das Constituições, em vista de seu “aggiornamento”.

Em 15 de março seguinte, em sua circular, Mère Guillemin anuncia o programa de trabalhos e o que se esperava das Irmãs: “*uma renovação eficaz e uma justa adaptação só poderão ser adquiridas com a participação de todos os membros do Instituto*”. Sua explicação é direta: “... *nenhuma de vocês pode, pois, considerar-se como não estando envolvida com esta obra de renovação ou como incapaz de dar sua opinião válida... O que lhes é pedido, é manifestar livremente seu pensamento, com toda humildade, mas também com um grande sentimento de responsabilidade... Não se trata aqui de uma investigação, trata-se para vocês de engajar-se, pessoalmente e em consciência, na obra de conversão que a Companhia deve empreender nela mesma, para tornar-se mais em conformidade com Cristo, seu divino Modelo e para torná-Lo mais visivelmente presente aos Pobres, segundo sua vocação. Para nós, trata-se de escutar a voz de Deus falando ao coração de cada uma e de tomar consciência dos convites que podem ser dirigidos pelo Espírito Santo à Companhia*”.

Algumas observações práticas são dadas na carta: “*cada Irmã deve preencher ela mesma seu questionário, sem deixar-se ajudar por ninguém; não comunicar as respostas que deu; cada Irmã colocará ela mesma suas respostas no envelope preparado*”.

O objetivo da consulta foi explicado:

- Permitir a cada Irmã, até mesmo a mais reservada, expressar seu pensamento e dar sua contribuição à renovação da Companhia. Ver assim as grandes tendências atuais da Comunidade e detectar as opiniões gerais.

- Ajudar as Irmãs a aprofundar e a esclarecer suas convicções e opiniões sobre os problemas que agora surgem para a Companhia.

- Preparar assim de um modo distante o trabalho das Assembléias domésticas que em cada Casa deveria fornecer e redigir desideratos a serem apresentados à Assembléia Provincial.

E depois? Uma Comissão geral será constituída e funcionará durante um ano e mais de acordo com as necessidades. Ela será composta de Irmãs de idiomas diferentes e, com as Irmãs do Secretariado geral, será encarregada pela síntese dos questionários e, depois, dos Postulados das Assembléias Provinciais. Os membros da Comissão serão obrigados à mais rigorosa discrição. Os diversos trabalhos serão efetuados sob a responsabilidade das Conselheiras gerais ou pelos membros da Comissão geral, ou por Comissões específicas que serão formadas em seguida.

REALIZAÇÃO DA CONSULTA

Instruções e diretrizes serão dadas por uma abundante correspondência: Visitadoras e Filhas da Caridade do mundo inteiro. A preparação acontecerá em dois períodos: o primeiro propõe as questões individuais nas quais cada Irmã é convidada a responder pessoalmente; o segundo, diretamente ligada à Assembléia geral, verá realizar as Assembléias domésticas em cada casa cujo objetivo é de eleger as delegadas e de apresentar os desideratos à Assembléia Provincial: o de uma Assembléia Provincial é de eleger as delegadas e de apresentar os Postulados da Província à Assembléia geral.

As sugestões para a utilização do questionário com as diretrizes gerais são enviadas às Irmãs. O conteúdo é abundante e escrito em duas folhas de cores diferentes:

- A vocação da Companhia das Filhas da Caridade – 8 questões
- A vida espiritual: duas folhas com respostas sim-não e 5 questões
- Os Votos: 11 folhas com respostas sim-não e questões para cada voto.
- As atividades apostólicas: questões
- A vida comunitária: respostas sim-não e questões
- As missões: 4 folhas com respostas “sim-não” e questões
- As vocações
- O governo

Cada Província foi convidada a estabelecer Comissões especializadas para estudar as questões principais que deveriam ser apresentadas à Assembléia Provincial. Mère Guillemin especificava “As Irmãs, membros das Comissões, devem ser especialistas das questões a serem estudadas: especialistas, ou pelo conhecimento teórico, ou pela experiência adquirida na prática” e fixa com seu Conselho o título das Comissões especializadas: Vocação da Companhia, Vida espiritual, Vida consagrada, Vida comunitária, Vida apostólica, Formação, Vocações, Missões, Governo.

Estas 9 Comissões das Províncias da Companhia terão lido mais de 45.000 questionários para chegar a uma verdadeira síntese.

Depois deste grande trabalho, o Superior geral enviou no dia 19 de julho de 1967 a carta de convocação para a Assembléia geral às Visitadoras, fixando a data, o lugar e o programa: segunda-feira de Pentecostes, 3 de junho de 1968 na Casa-Mãe em Paris. O retiro começará à noite da Ascensão na Casa-Mãe. O Padre especifica para “*chegarem também com as delegadas, com o objetivo de ajudar espiritualmente os membros da Assembléia na considerável tarefa que os espera*”.

É em Roma, no dia 5 de junho, na Casa Maria Immacolata que se realizarão os trabalhos da Assembléia. E o Superior geral termina sua carta “*para atrair as bênçãos divinas sobre estes trabalhos de adaptação e renovação, peço-lhes recitar diariamente em todas as Casas da Província, assim que tomarem conhecimento desta carta, o Veni Creator na leitura de 14 horas, até o fim da Assembléia*”.

Depois da convocação oficial da Assembléia geral pelo Superior geral, Mère Guillemin continua sua reflexão sobre o desenvolvimento e completa os três últimos temas de estudo para todas as Irmãs: o governo, a formação, as atividades especializadas e, para coroar tudo, a Virgem Maria na Companhia.

As circulares especificam algumas questões necessárias à compreensão dos textos. A Comissão de síntese geral é convocada para o mês de fevereiro. 40 Irmãs verificam, ordenam, comparam e colocam em forma de acordo com o idioma.

Mère Guillemin havia anunciado que a tradução simultânea seria assegurada. Para isto, Irmãs dos idiomas concernentes foram convocadas à Roma para uma Sessão de formação de três semanas. O professor era uma mulher austríaca, chamada Elisabeth Burjan dominando com

facilidade 5 idiomas. A beatificação de sua mãe foi anunciada no Osservatore Romano na mesma época que a de Irmã Lindalva. “Minha mãe é uma santa, eu, não...” dizia ela familiarmente.

No dia 15 de março de 1968, a última circular de Mère Guillemin referia-se a correções das matérias a serem estudadas; depois da experiência das comissões preparatórias, parecia retomar a classificação, algumas questões se unem e exigem serem trabalhadas juntas. O resultado é o seguinte: nove Comissões:

- Vocação da Companhia
- Vida espiritual e comunitária
- Vida consagrada: castidade, pobreza, obediência,
- Vida apostólica e serviço dos pobres
- Missão
- Formação e vocações
- Governo
- Administração e finanças
- A Virgem Maria

Alguns peritos serão convocados para esclarecer os debates. Será necessário zelar para que cada Comissão seja representativa de um conjunto de Províncias e de países diferentes de maneira que possa assegurar a transparência internacional indispensável. E ela assina pela última vez “*sua muito humilde e afeiçoada Irmã Guillemin, ind. FDLCsdpm*”.

Nesta obra gigantesca de consulta da Companhia, importava destacar “*as grandes linhas de unidade pelo espírito e a ação legadas pelos nossos Santos Fundadores e que devem permanecer o alicerce da Comunidade assegurando a realização de sua vocação*”.

O decreto conciliar que nos interessa requer que, daqui em diante, falemos do Evangelho para estabelecer as normas ajustando a vida de todas as Comunidades, qualquer que seja seu modo de governo. Mère Guillemin está bem convicta; porém, ela não usa sempre a palavra “Evangelho” mas “*fazer o que o Filho de Deus fez quando estava na terra*”, ou ainda “*a presença do Cristo... o Cristo descoberto, contemplado, servido nos pobres, o Cristo presente em nós e por nós, tornado presente aos pobres... engajar-se pessoalmente e em consciência na obra de conversão...*” são suas expressões de acordo com São Vicente “*o Cristo é a regra da Filha da Caridade*”.

O decreto assinala um retorno incessante às fontes de toda vida cristã e à inspiração original dos Institutos e, ao mesmo tempo, uma adaptação destas às novas condições do tempo. Para Mère Guillemin, não é estranho, nem novo. Desde a Central das Obras, ela está preocupada com a utilidade desta renovação necessária. Para ela, é preciso edificar solidamente a vida consagrada sobre bases doutrinárias sólidas, a fim de dar às Irmãs alegria e segurança em sua vocação. Só apoiada, ao mesmo tempo, na doutrina do Vaticano II e na fidelidade ao espírito dos Fundadores a Comunidade poderá encontrar os caminhos de uma renovação fecunda. Numa palavra, priorizar o retorno às origens, a adesão total ao espírito dos Fundadores e aos ideais primitivos.

Uma terceira observação em relação ao aggiornamento interessa a Igreja e as convicções de Mère Guillemin. “*Nossa renovação não é um ato isolado na Igreja, nós não devemos nos renovar em função de nós mesmas, mas em função da Igreja. É um ato da renovação da Igreja inteira... A Igreja no Concílio quis ser serva e pobre, fraterna; e temos que entrar nesta mentalidade de serviço, de pobreza, de fraternidade. Sem dúvida nós temos sempre servido na Igreja de Deus, mas eu ousa dizer que servimos em situação de superioridade; é preciso, agora, servir em situação de fraternidade. Aqui está a conversão de mentalidade que deve ser operada...*” “*Não estareis preparadas, enquanto o Espírito Santo, o Espírito de Amor não ocupar o lugar supremo em vossa vida...*”.

Quer se tratasse da Igreja universal em Concílio, da vida religiosa, Mère Guillemin aí se encontrava em sintonia e trazia a esta seu tino sobrenatural e sua profunda reflexão.

(continua)

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

COBERTURA 3

Não estareis preparadas
enquanto o Espírito Santo,
o Espírito de Amor,
não ocupar lugar supremo
em vossa vida.

N.M. Guillemin